

organização:

Ana Paula Xavier dos Passos
Leonardo da Silva Claudiano
Manuela Simões Lima Santos
Mirtes Gaspar Castro
Nágila Euclides da Silva Polido

meu verso é o trilho

slam — vozes periféricas



Editora Biblioteca Ocidente
LIBRUM LUX MUNDI

EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro

Jardim Imperador — Zona Leste — São Paulo-SP

EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro
Jardim Imperador — Zona Leste — São Paulo-SP

meu verso é o trilho

slam — vozes periféricas

Slammers:

Ana Beatriz Fernandes Claudino • Ana Paula Xavier dos Passos • Andréa Silvana dos Santos • Arthur Mendes Costa • Isabelly de Oliveira Brito • João Victor de Queiroz Souza • João Victor Gomes de Freitas • Leonardo Ortis Souto • Lucas Conceição Vidal • Luiza Sena da Silva • Nicolly Moreira do Nascimento • Nicolly Mota Fernandes • Pablo Henrique Alves Moreira • Priscila Emídio Dobke • Raphaella Alves Gracio • Tawany Camilla Terada

Editora Biblioteca Ocidente

2026

EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro

Diretora:

Jaqueline Paiva do Vale

Assistentes de Direção:

Antônio Martins da Silva

Tatiana Varela da Silva Vieira

Secretário de Escola:

Alan Nepomuceno de Sousa

Coordenação Pedagógica:

Andréa Silvana dos Santos

Rosemeire A. O. Siliano Mineo

Copyright © 2026 by Os autores.

Direitos reservados a:

Editora Biblioteca Ocidente
Av. Parque das Lagoas, 195
Parnamirim, RN, CEP 59154-325

Título original em língua portuguesa: meu verso é o trilho: slam — vozes periféricas

Para baixar o e-book, acesse www.revistagalo.com.br.

Visite nossas redes sociais:

@editorabocidente e @revistagalo no instagram; e,
@revistagalo.com.br no bluesky.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Ocidente, Parnamirim-RN, Brasil)

P289m

Meu verso é o trilho: slam — vozes periféricas. / Ana P. Xavier dos
Passos ... [et al.]. p. 150 : il. — 1. ed. — Parnamirim, RN : Editora
Biblioteca Ocidente, 2026.

ISBN: 978-65-02-04758-3

1. Poesia brasileira. 2. Slam (Poesia falada). 3. Literatura periférica.
4. Expressão cultural juvenil. I. Passos, Ana. II. Claudiano, Leonardo.
III. Título.

CDD: B869.1

Índice para catálogo sistêmico

1. Literatura : Artes, Língua portuguesa, Periféria, São Paulo, Cultura 306

Bibliotecária: Adriana de L. Teixeira CRB 15/0550

SLAM

Slam é uma modalidade de poesia falada surgida nos Estados Unidos na década de 1980. Organiza-se como uma competição performática na qual poetas apresentam textos autorais em tempo limitado — até três minutos — sem uso de figurinos, adereços ou acompanhamento musical.

As apresentações são avaliadas por um júri, normalmente composto por pessoas escolhidas entre o público, que atribuem notas às performances. A pontuação considera tanto o texto quanto sua execução oral e corporal.

Mais do que uma disputa, o slam constitui um espaço coletivo de expressão artística, marcado pela valorização da oralidade, da presença cênica e da escuta. No Brasil, difundiu-se a partir de 2008 e consolidou-se especialmente nas periferias urbanas, ocupando ruas, praças e escolas públicas, onde passou a articular literatura, performance e debate social.

Sumário

Prefácio: A coletividade subversiva do slam	8
Apresentação	24
Poemas	28
Ana Beatriz Fernandes Claudino	29
Vozes de Esperança	30
Empodera	31
Sou eu, a Revolução	33
Ana Paula Xavier dos Passos	34
Ancestralidade	35
Mas que história é essa?	36
Cansaço	38
Andréa Silvana dos Santos	40
Inspiração (<i>à professora Nágila</i>)	41
Minha fé (<i>ao meu amor, Lucila</i>)	42
Professor	44
Consciência/Pessoa com deficiência	46
Respeito	48
Arthur Mendes Costa	52
Consumismo	53
Geografia	54
Isabelly de Oliveira Brito	55
O primeiro amor da minha vida	56
Minha confusão	58
Fogo nos racistas	61
João Victor de Queiroz Souza	63
Terça-feira	64
Sorrir	65
Desabafo	66
Sombras frias da noite	67

João Victor Gomes de Freitas	68
Doces Promessas	69
Amor de vitrine	71
Racismo	72
Despertar do amanhã	73
Amar é perder um pouco de si	74
Leonardo Ortis Souto	76
Mangá	77
Tecnologia	78
O Pequeno Gnomo	80
A Escola	82
O mar	84
Lucas Conceição Vidal	86
O pente tá carregado	87
Luiza Sena da Silva	88
A minha cultura	89
A luta feminina	91
Força	93
Nicolly Moreira do Nascimento	95
Palavras que ferem	96
Um riso forçado, um apelido cruel	97
Será que sou suficiente?	99
Notas escolares	101
Nicolly Mota Fernandes	103
O peso da coroa	104
Pablo Henrique Alves Moreira	106
Imigrante	107
Entre fronteiras	108
Manos e minas	109
Filhos da liberdade	110
Revolução Urbana	112
Raphaella Alves Gracio	114
Democracia	115

Crime	116
Ansiedade	118
Tawany Camilla Terada	120
Em tempos modernos... ..	121
Texto nunca enviado	122
Dia difícil	124
Agradecimentos	126
Autores e organizadores	128
Posfácio	133

Prefácio:

A coletividade subversiva do slam

Leonardo da Silva Claudiano

Manuela Simões Lima Santos

Ciranda de roda

De samba de roda da vida

Que girou, que gira

Na roda da saia rendada

Da moça que dança a ciranda

Ciranda da vida

Que gira e faz girar a roda

Da vida que gira¹

— Martinho da Vila

Não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornarmos sujeitos.

— Paulo Freire

¹A atriz, poeta e slammer Luiza Romão, em sua dissertação de mestrado (2022), construiu imagens significativas que nos ajudaram a pensar as sensibilidades e os simbolismos do slam. O giro dos corpos que performam poesias é a subversão do tempo linear e a construção de comunidade em partilha. Giro como vida que escapa aos desígnios do ser como objeto.

Antes

Este livro — e este texto, em alguma medida — traz, de antemão, uma problematização que não conseguimos solucionar: como preservar a potência da voz na palavra impressa? Ora, grande parte da vibração, característica do slam, vem da oralidade. Por meio da acústica dos versos, que reverberam na plateia e retornam ao poeta, são tecidas narrativas que desenvolvem e reforçam laços comunitários. Imersos em um contexto histórico no qual a vida é privatizada, o dizer, ao se dissolver no coletivo, renasce em conexões que desafiam a lógica individualista. No círculo que envolve o artista, sou um, somos nós. Fato: a partilha da experiência, embora fragmentária, realizada pela sonoridade das estrofes, é pertencimento, ancestralidade e devir. Tudo em trânsito, em refazimento. Ali, na Arena² simbólica, fala e escuta são dinâmicas: ao percorrer o espaço, o elemento enunciado se ressignifica naquele que ouve: o dito é re-dito...

No entanto, a voz se revela frágil, frente ao tempo que acelera. O instante é efêmero e o canto do poema se enfraquece na lembrança. Como transmiti-lo, para além da memória? Para lá do território? A escrita é a resposta óbvia. O registro gráfico pode perpetuá-lo, desdobrá-lo em outros quarteirões. Porém, ao se mutar em código, esvai-se em plasticidade. A folha é rigidez, não circularidade espiral.

²Neste texto, “Arena” refere-se ao Teatro de Arena. Trata-se de um modelo teatral que rompe com a quarta parede do palco italiano, dispondo o público ao redor da cena. No contexto do Slam, a arena é ressignificada como espaço de democratização da fala, onde a separação entre artista e espectador é dissolvida pela circularidade.

Eis o impasse. Seguimos, ainda assim. Optamos por assumir e habitar a irresolução.

Talvez, a letra que fixamos opere na fronteira. Talvez contenha, eventualmente, um outro tipo de latência, que preserve os vínculos criados pelas trocas sonoras, mas que se conjugue na solidez do manuscrito.

Pequena recomendação

Advogamos a favor das leituras vagabundas³, descompromissadas, feitas às margens de qualquer normatização. Em suma, entendemos que a leitura deve ser irreduzível, pois todo enquadramento é uma forma de colonização. Mas, neste livro, para que a subversão se evidencie, sugerimos: procurem ultrapassar a forma material da linguagem. Pode ser que resquícios da pronúncia se manifestem, como encantamentos.

I

No pátio da EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro há um palco. Pouco convencional, revela-se com base em uma estrutura de concreto armado a emanar firmeza e imobilidade. Gelado, cru. Não traz a possibilidade do improvisado, do traquejo, das imprevisibilidades humanas. Tampouco convoca os corpos ao tablado, mas os organiza em seu piso. Despido, não ostenta cortinas como molduras a

³Segundo o historiador Roger Chartier (*apud* Pesavento, 2005, p. 8), “a leitura é rebelde e vagabunda”. “Leitores e ouvintes têm suas próprias trajetórias de vida, sua bagagem de experiências e de capital cultural [...]. Viajam no tempo e no espaço, tecendo redes de conexões tão vastas ou distantes que o texto se transfigura” (p. 8-9).

sugerir formas mutantes, a jogar com o mostrar e o esconder. Também não possui bastidores em sua retaguarda, aquelas camadas ocultas necessárias ao que já foi e ao que está por vir. É quase um anti-palco, apenas, numa escola localizada no Jardim Imperador, bairro periférico na zona leste de São Paulo.

Essa plataforma burocrática nos passaria despercebida, caso não fosse utilizada, semestralmente, para a apresentação de planilhas e outras formas de aprisionar o desempenho discente, a partir de práticas e ortografias financistas que assediam o processo formativo e o reduzem à produtividade⁴... O anti-palco, parece-nos, tem, efetivamente, essa função: simbolizar o aprendizado enclausurado às estatísticas empresariais, na contramão de um encontro crítico, criativo, dialógico. Diante das tabelas de resultados em avaliações uniformizantes, a geografia se reduz e os dias perdem substancialidade. A educação se aliena da expansão cartográfica e das ligações cronológicas, geracionais. Aparta-se, portanto, daquilo que é necessário aos passos pedagógicos que vão em busca da paisagem distinta, tão fundamental à posse da própria; que sai

⁴ As reflexões presentes neste texto dirigem-se à lógica gerencial e aos dispositivos de avaliação que vêm se consolidando nas políticas educacionais contemporâneas. Tais mecanismos não são produzidos no interior das escolas, mas lhes são impostos por estruturas administrativas e políticas mais amplas. Assim, quando mencionamos indicadores, metas ou protocolos de desempenho, referimo-nos a uma dinâmica sistêmica que atravessa a instituição escolar, muitas vezes colocando diretores, coordenadores e professores na posição ambígua de executores dessas políticas, ao mesmo tempo em que também as tensionam criticamente em seu cotidiano.

ao encontro do outro e regressa, a permitir o reconhecimento de si.

O cenário em tons de cinza, descrito nos breves parágrafos anteriores, procura criar o solo e a atmosfera do pensamento neoliberal⁵, bem como sua infiltração, por diversas frentes, no sistema educacional. E aqui, não nos referimos, unicamente, ao seu rosto visível e claro, que é o sequestro do orçamento estatal, mas, também, aos aspectos camuflados, às contradições que se colocam em disfarce, protegidas por vocábulos de conotações positivas, desejáveis: “modernização”, “inovação”, “eficiência”. Quem ousaria se colocar em disputa, diante de afirmativas que desenham um horizonte técnico, científico, produtivo? É precisamente nesse solar-oculto que se localiza o alicerce discursivo que sustenta, por intermédio da captura subjetiva, o modo de produção e organização socioformativo de nossa quadra histórica. A lógica de mercado seduz e atua de modo a nos fazer pensar e dizer segundo suas premissas. Ela é insidiosa, envolve a fala didática em sua gramática, até materializá-la em políticas públicas — únicas e possíveis — que englobam a reordenação de currículos, a formação docente e organogramas gerenciais de administração escolar (Mordente; Portugal, 2024). De maneira sofisticada, faz do trabalho e socialização do conhecimento mero reflexo da

⁵No pensamento neoliberal, a educação ocupa um lugar estratégico, pois não se trata apenas de formar trabalhadores qualificados, mas de produzir subjetividades compatíveis com a racionalidade de mercado. A escola passa, assim, a ser vista como espaço privilegiado para difundir valores como competitividade, desempenho, empreendedorismo e responsabilização individual, convertendo a formação humana em processo de adaptação às exigências do sistema econômico.

relação comercial: mais um produto disponível para circulação como bem de consumo. Nesse processo, deliberadamente naturalizado, diretores tornam-se gestores; professores, por sua vez, colaboradores; e alunos/familiares, clientes. Trata-se da junção, em diversos graus, das esferas do ensino/assimilação com a oferta/demanda.

Entretanto, a retórica monetária e totalizante, encontra ruídos, dissonâncias. O microfone que anuncia metas de aprendizagem, chia.

1, 2, 3...

II

Em pronunciamentos, textos e diagramas padronizados, o aproveitamento estudantil é exaustiva — e friamente — analisado. Escolas periféricas e centrais se pautam pelos mesmos mecanismos avaliativos, baseados em critérios definidos por fundações como a OMC, a OCDE, o Banco Mundial, o FMI e a Comissão Europeia (Mordente; Portugal, 2024). Por se verem universais, desrespeitam os territórios, ignoram as trajetórias. Porém...

Porém, a educação e a cultura, sempre que transgressoras, questionam a insipidez do homogêneo. Subvertem o dado estático e operam nos desvãos dessa engrenagem avessa às ranhuras. Surgem estilhaços poéticos plurais. Vozes urgentes e insurgentes. Versos sussurrados.

Aos ternos dos bem-vestidos, a calça larga, os tênis gastos.

O coro desarmônico:

... SLAM do Achilles!!!

III

O slam é polissêmico. Seus níveis de sentido passam por dicionários variados, em definições que não se fecham, mas circulam, interagem. Entre as muitas superfícies, destacamos sua caracterização mais imediata:

slam é uma batalha de poesia oral.

Igualmente, tateamos sua cronologia: foi criado na década de 1980. Época na qual o realismo capitalista ganhou os seus contornos mais nítidos, nos traços neoliberais de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Referimo-nos aos dias (tão nossos) da realidade em corrosão, quando a concretude se esvai, inelutável, vítima da profunda concentração de renda, da financeirização do mundo e do desmonte do Estado de Bem-Estar Social. No ar, a sensação geral de desencanto e impotência. O presente intenso, angustiante. A interdição das utopias. O proclamado e técnico “fim da história” — em fundamento, a sentença: essa forma de arranjo social, na qual o lucro brutaliza a vida, é, de fato, injusta. No entanto, afirma-se como a ÚNICA possível (Fisher, 2020).



Perturbação. Interferência.

Poemas em corpos indóceis, que negam, que articulam a temporalidade estendida, o vigor em solidariedade.

Insurgência contra o determinismo.

Podemos, assim, expandir a caracterização mais imediata:

*slam é uma batalha de poesia oral,
fruto legítimo, negado e crítico de seu chão histórico.*



E, como sabemos, todo nascimento traz o instante e o lugar⁶: ele surgiu nos Estados Unidos. Com exatidão, na metrópole industrial de Chicago, para sempre atravessada por promessas e exclusões.

Chicago... metonímia da cidade moderna. Por seus quarteirões, também londrinos, parisienses, paulistanos... tropeçamos em ambiguidades, em instâncias dialéticas: nas esquinas vibrantes, o automatismo existencial desencadeado por um combo de crises (políticas, econômicas, sociais); nos muros, a criatividade de textos e imagens que se apropriam do espaço e interrompem o fluxo. A paisagem e a percepção se deslocam: atados ao cotidiano veloz e produtivo, produtivo, produtivo, paramos... e somos o mesmo, somos o próximo. Menos maquinais.

Pelo jogo de inversos, a urbe que desumaniza, promove-nos humanos.

O slam tensionará esses opostos por meio de poemas-performances: palavras e presenças que nos afogarão no

⁶ A paternidade é do poeta e construtor civil Marc Smith. Sua menção em nota não implica hierarquização, mas reafirma uma compreensão do slam como prática cultural que ultrapassa individualidades. Tempo e lugar criaram — e criam — as condições e contradições dos versos que os interpelam.

contínuo, para sentirmos, sem maquiagem, a ausência de ar; palavras e presenças que nos pinçarão da rotina — não como escapismo, mas como tomada de panoramas inéditos. Cidade de sombras e poesias; homens e mulheres de trabalhos e danças. As possibilidades abertas pelo encontro não se limitarão ao solo de Chicago. O slam atravessará mapas. Desembarcará no Brasil⁷, em 2008.

Aqui, sairá, sem pudores, às ruas e praças⁸. Adentrará nas escolas públicas.



Buzinas, sirenes, sinais. O microfone é ligado. Alguém bate com os polegares, na passagem do som. Vem o “grito de guerra”⁹, acompanhado da resposta da assembleia. Ecos urbanos.

⁷O primeiro slam brasileiro foi criado em 2008, pela poeta, MC e slammer Roberta Estrela D’Alva. Ganhou o nome de ZAP (Zona Autônoma da Palavra). O ZAP funciona como releitura da sigla TAZ — Zona Autônoma Temporária, cunhada pelo anarquista Hakim Bey.

⁸As regras são as mesmas: três minutos à poesia, que deve ser autoral. Acompanhamento musical e/ou adereços são proibidos. Slam é corpo e voz. Porém, na cultura e no território, as particularidades se mostram. Nos EUA, o slam acontece em locais fechados: teatros, bares ou casas de shows. É necessário, ainda, a compra de ingressos (Freitas, 2020). Já no Brasil, o slam tomou o espaço público, dando-lhe outros usos. A paisagem urbana foi (é) ocupada. O “Slam Resistência”, por exemplo, faz da Praça Roosevelt, Assembleia centro-periférica. O “Slam da Guilhermina”, ao lado da estação homônima do metrô, interrompe as reações condicionadas e suspende o tempo do relógio. Por aqui, também, o slam opta pela gratuidade.

⁹O “grito de guerra”, no Slam, tem múltiplas funções. Ele serve para dar início ao poema e disparar o cronômetro. Igualmente, cria a conexão

1, 2, 3... ZAP!¹⁰

Sabotage, sem massagem, na mensagem... Slam Resistência¹¹.



Por fim, alargamos:

*slam é uma batalha de poesia oral,
fruto legítimo, negado e crítico de seu chão histórico.
urbano, concentra, em si, todas as tensões das cidades modernas.*

IV

Saem os gráficos. Desaparecem as planilhas. O que está prestes a acontecer, nas bordas de São Paulo, burla qualquer enquadramento que se converta em ganho imediato. Nas reentrâncias do anti-palco inosso da EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro, a Arena simbólica ganha vida e o slam passa a operar, ainda antes de se fazer linguagem, na contralógica educacional.

Primeiro, ouvimos os passos nos corredores, o descer apressado nas escadas. Vêm em desordem, como deve ser. Na pedagogia insubmissa, o pátio é reivindicado pelos estudantes: torna-se sala de aula, cidade, Ágora. A frontalidade que separa artista (palco) e público (pátio) se perde. Temos a roda que

que liga microfone e plateia, por intermédio do jogo de pergunta e resposta. Findo o grito, silêncio: é a vez do poeta (Romão, 2022).

¹⁰Grito do “ZAP! SLAM”.

¹¹Grito do “Slam Resistência”.

gira — esse “círculo em espiral que desmonta o passado, presente e futuro atrelados à noção de progresso” (Romão, 2022, p. 22). Nada é inevitável ou tem um fim. As saídas se revelam múltiplas, entranhadas na realidade, não exteriores a ela.

Depois, o MC¹² aquece e se incorpora à assistência. O nexos se estabelece, estende-se aos (às) slammers. A autoria poética se abre em sintonia.

1, 2, 3... Slam do Achilles.



Silêncio que antecede à palavra.

A gramática desliza de volta às gargantas humanas, com todos os desacertos possíveis e desejados. Carne, sangue: corpo que é voz; voz que é corpo. Nesse momento, fugaz, sentimos o ritmo, o suspiro, o esquecimento, a retomada... a mudez que urra em dor ou revolta. Cada texto é único, em sonoridade: respeita-se, ou não, o respiro no ponto final; a vírgula nem sempre é pausa. Exclamações, interrogações e todas as ferramentas estilísticas que direcionam a leitura são profanadas. Cada performance, por seu turno, carrega uma assinatura: as mãos são inquietas, porém, não se furtam à inércia; os pés batem firmes, entretanto, muitas vezes, confusos, vacilantes. Tawany¹³ se encolhe, junta os braços

¹²O MC (*Master of Ceremonies*) é a pessoa que conduz o slam. Ele não é o poeta que compete, mas quem garante que o evento funcione — no tempo, no ritmo e na atmosfera.

¹³Tawany Camilla Terada, no poema “Dia Difícil”, presente nesta coletânea.

como se o frio a atingisse, aperta o microfone: volta-se a si em sonho de encontro, enquanto canta, baixinho, Seu Jorge; troncos distintos giram, giram, giram, suspensos.

E um dedo do meio se levanta, acompanhado da expressão firme, sem concessões, que acusa os covardes¹⁴.



Isabelly ocupa a Arena.

POWW!

Começa e segue firme. Os versos trazem a necessidade histórica das enunciações adiadas, das peles marcadas. Falamos com fúria legítima e verbaliza o **ÓDIO** ao racismo. Avança e aborda, sem filtros, o Brasil que se fundou pela violência da escravidão; o Brasil que se ratificou — e ratifica — em perversas estruturas discriminatórias.

Em seus versos, o palimpsesto deixa brechas para ressonâncias...

... “A carne mais barata do mercado é a carne negra” (Soares, 2002) ...

... “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (O Rappa, 1994) ...

Espiral.

POWW!

O slam se abre. A escola se abre. Não há muros que o contenham:

¹⁴Luíza Sena da Silva, no poema “Força”, presente nesta coletânea.

“TACA FOGO NOS RACISTAS!”¹⁵

Não. Não é prescrição. É choque, alerta, inquérito ao monopólio da violência, denúncia à barbárie colonial.

As maiúsculas e o destaque buscam emular o grito ~~derradeiro~~. É justamente nessa etapa, que precede os aplausos e demais reações do público, que o poema se reinscreve em catarse pelo não apaziguamento, pela conversão da vítima em agente de luta. Sentimos e aderimos à raiva, justa; igualmente, um desconforto nos percorre, já que desnuda as hipocrisias do humanismo abstrato que permeia nossas relações.

Isabelly contrapõe-se à semântica das falsas boas maneiras, tão característica aos discursos e à racionalidade neoliberal. Em um ambiente comercial extremo, o confronto-comportado vira commodity. “TACA FOGO NOS RACISTAS” se desloca. Escapa de se tornar slogan vendável.

Mais: faz do antirracismo uma prática, não eixo-transversal ou tema em avaliações padronizadas.

Considerações finais

Dispensamos a ilusão: as métricas persistem. Os cacótes empresariais — merecimento, eficiência, resiliência, proatividade — são lugares comuns nos documentos, formações e reuniões instrucionais. O engajamento é tão intenso que o debate nos parece impossível sem tais recursos, e a articulação tem dificuldade em se desenvolver, quando carente desses verbetes: como Tawany se saiu na prova externa “X”? — perguntamos. Perguntamos, por amnésia. Esquecemos que

¹⁵Isabelly de Oliveira Brito, no poema “Fogo nos racistas”, presente nesta coletânea.

o seu silêncio e murmúrio são linguagens de conhecimento, não replicadores de informações desconexas, tão distantes dos dias que a formam.

O slam nos tira, comunidade escolar, da lógica do resultado. Frente à estabilidade tediosa que se empenha na expulsão do erro e na erradicação da incompletude, Tawany, Isabelly, Luiza, Raphaella, Pablo e todos(as) os(as) alunos(as) que compõem esta coletânea, “Meu verso é o trilho: slam — vozes periféricas”, relembram-nos que a formação imaginativa e democrática precisa fundir os universos pessoais e acadêmicos. Precisa que a teoria esteja em diálogo ininterrupto com a práxis. Ao observá-los na Arena, vemos bell hooks (2020) afirmar que a contestação e as aberturas permanentes são as chaves para o desenvolvimento de um pensamento crítico; que cultivar locais diversos, fundados na confiança, com trocas dialéticas e divergências positivas, contribuem para uma educação participativa; que a conversa, nessa roda que gira, é a base da pedagogia engajada, na qual todos se envolvem na construção de saberes e afetos... e que a assertividade permanente é produção e reprodução de valores que nos subjugam — é preciso preservarmos o direito inalienável ao equívoco, pois só assim nos moveremos à emancipação e à justiça social.

Pequeno alerta e esperança

O slam não é bem-comportado. Sequer, uma carta de boas-intenções¹⁶.

¹⁶No Brasil, os conteúdos das poesias abordam temas políticos; muitas vezes, são narrativas em primeira pessoa, que falam sobre as

Como visto, ele nasce e se nutre das contradições presentes em seu tempo histórico, intermediado pelos dispositivos coercitivos, excludentes e cativantes que conformam a sociedade. Ultimamente, notamos a tentativa de sequestro por parte de organizações ligadas ao *status quo*. A institucionalização e/ou privatização do slam têm como objetivo esvaziá-lo de sua energia acusatória, anti-hegemônica e propositiva. No limite, extrair lucro, ao promovê-lo mercadoria que simbolize, pela régua publicitária, a revolta e a indignação pasteurizadas.

Mas o slam é escorregadio. Não se prende. Dribla.



Depois

o anti-palco, hoje, é assombrado pela Arena.



Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

experiências de vida do(a) poeta. Como Freitas (2020) aponta, temas como desigualdade social, exclusão, machismo, racismo e homofobia são elementos muito explorados. Os excluídos se mobilizam, politicamente, na busca por direitos. Posto de outro modo, o slam se manifesta como instrumento para que as identidades consideradas subalternas se expressem.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Trad. Rodrigo Gonsalves; Jorge Adeodato; Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/4tDyMX8Dt7qnBBC7P7RsQb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2026.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Trad. Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MORDENTE, Giuliana Volfzon; PORTUGAL, Francisco Teixeira. Neoliberalismo escolar: subjetivações submissas da educação brasileira. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 27, p. 1-25, 2024. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 24 fev. 2026.

O RAPPÀ. Todo camburão tem um pouco de navio negreiro. Compositores: Marcelo Yuka, Marcelo Falcão, Marcelo Lobato, Xandão e Nelson Meirelles. In: O RAPPÀ. *O Rappà*. [S.l.]: Warner Music, 1994. 1 CD. Faixa 3.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Palavras para crer*: imaginários de sentidos que falam do passado. SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2. Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/mesas-ii-sead>. Acesso em: 24 fev. 2026.

ROMÃO, Luiza Sousa. *Microfone em chamas*: slam, voz e representação. 2022. 232 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04012023-121226/pt-br.php>. Acesso em: 24 fev. 2026.

SOARES, Elza. A carne. Compositores: Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelletti. In: SOARES, Elza. *Do cóccix até o peçoço*. [S.l.]: Maianga Discos, 2002. 1 CD. Faixa 6.

Apresentação

Ana Paula Xavier dos Passos

Tudo se iniciou no ano letivo de 2022, durante as aulas de leitura. Lemos poesias variadas e foram propostas atividades de interpretação, reflexão e até de escrita de poesias. Os estudantes apreciaram bastante, resultando em algumas poesias bem interessantes. Em seguida, participamos das etapas do Slam Interescolar, uma vez que os estudantes já haviam manifestado interesse e, no decorrer das aulas, foi comum ouvir os estudantes falarem sobre as batalhas de poesias que ocorrem na cidade de São Paulo e inclusive no próprio bairro do Jardim Imperador, onde a escola se encontra. Notei que a poesia era uma linguagem bem apreciada pelo grupo e que esta poderia ser uma oportunidade para ampliar as aprendizagens e a participação dos estudantes.

Realizamos uma batalha de poesias — Slam — na unidade escolar, no mês de novembro, e os estudantes foram desafiados a escrever três poesias para participar, o que estimulou a procura de livros de poesias com o intuito de obter inspiração, ampliando a competência leitora e escritora. A continuidade dessas ações se fez pertinente para o ano seguinte. Participamos novamente do Slam Interescolar e, embora alguns estudantes integrantes do projeto tenham concluído o Ensino Fundamental e foram encaminhados para o Ensino Médio, o desejo de participar do Interescolar

em 2025 na modalidade Ensino Médio foi manifestada. Outros estudantes permanecem regularmente matriculados no Ensino Fundamental e desejam continuar integrando o projeto. Outro ponto importante é que as ações desenvolvidas oportunizam a bibliodiversidade, possibilitando a compreensão da realidade e a capacidade de se posicionar cultural e socialmente.

O Projeto Slam tem por objetivo promover o protagonismo dos estudantes, ao mesmo tempo em que os torna conscientes da realidade que os cerca. Historicamente, as poesias do Slam são reflexos dos contextos locais, trazendo discussões e diálogo com a comunidade e com as temáticas sociais; também proporcionam a leitura de mundo e a expressão de sentimentos, tão necessários à sociedade e, sobretudo, para a faixa etária do grupo de estudantes público-alvo. Constitui uma possibilidade de formação de leitores, e de outras aprendizagens:

- fortalecer a constituição de uma comunidade de leitores;
- possibilitar a ampliação do repertório cultural e de leitura dos estudantes, como base para o desenvolvimento da competência leitora;
- favorecer a autonomia do estudante e o desenvolvimento de comportamento leitor;
- dar condições à criança e ao adolescente de desenvolver valores como responsabilidade, organização, cooperação, respeito, disciplina e solidariedade no trabalho em grupo;

- oportunizar aos estudantes a participação em eventos, ações e momentos diversificados de contato com a literatura para crianças e jovens, ampliando seu repertório de leituras, bem como o protagonismo no fortalecimento do trabalho desenvolvido pela Sala de Leitura.

Entre os Projetos de Articulação e Promoção de Leitura Literária, está indicado o Projeto Slam, que se manifesta como literatura de forma diversificada, de forma poética e revelando características sociais e culturais dos indivíduos. Sendo de conhecimento e proximidade com a realidade dos estudantes, fazendo-se uma produção literária atual e que carrega muitas questões identitárias, pode ser um caminho interessante para a ampliação das aprendizagens e da concepção de leitura, de acordo com Candido (2023, p. 189):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

A organização e o propósito do Projeto Slam contribuem e complementam os objetivos e a organização das atribuições da Sala de Leitura na unidade, constituindo mais uma possibilidade de promover a leitura e contribuir para o desenvolvimento do comportamento leitor dos estudantes, e ainda possibilita a participação ativa dos estudantes na realidade que os cerca, exprimindo suas opiniões e promo-

vendo a cidadania. Oportuniza fortalecer as aprendizagens e os vínculos dos estudantes pré-adolescentes e adolescentes do Ciclo Interdisciplinar e Autoral, promovendo seu protagonismo nas ações organizadas pela Sala de Leitura, além de ampliar os momentos de leitura compartilhada e da escuta das opiniões e posturas das crianças e jovens, favorecendo o desenvolvimento do comportamento leitor nos grupos e na comunidade escolar como um todo. O objetivo é realizar as sugestões apresentadas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) em consonância com as demandas indicadas pela comunidade escolar e em favor das aprendizagens.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.

PETIT, MICHÈLE. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Sala de leitura: vivências, saberes e práticas*. São Paulo: SME/COPEP, 2020.

Poemas

Leia no volume MÁXIMO

Os poemas preservam escolhas de linguagem, ritmo e oralidade próprias do slam. Eventuais desvios da norma-padrão integram a construção estética e performática dos textos.

Ana Beatriz Fernandes Claudino



Vozes de Esperança

Ela se levanta firme e determinada
Com a força de mil, de alma lavada.
Ela tem a força que transforma um coração.
Ela ergue a voz, ecoa em multidão.
Seu sorriso é luz em meio à escuridão,
Não se cala diante da opressão,
Sua voz é um grito de libertação.
Siga em frente, não olhe para trás,
O futuro é seu e você é capaz.

Empodera

Bate no peito
diz que é macho
que é homem de verdade
mas quando chega em casa
e a mulher não lavou a louça
é tapa na cara.

Bate no peito
diz que é macho
que é homem de verdade
mas quando sai pra rua
e vê uma mulher de saia curta
grita: “ai, sua puta!”

Agora, quem tinha que bater
no peito somos nós, mulheres
destemidas, que não dependem de
macho pra cuidar das nossas vida.

Não aceitamos mais o
silêncio e a dor,
nosso grito ecoa; é um grito
de amor.
Por todas as mulheres
que já foram silenciadas.

Vamos gritar por amor.
Unidas em sororidade,
Vamos nos levantar,
Empoderadas e destemidas,
prontas pra lutar!

Bate no peito, mulher! A vitória é real,
juntas somos poder, um grito universal.
E ao final dessa luta, a liberdade vai reinar,
um mundo justo e igualitário para todas brilhar!

Sou eu, a Revolução

Eu sou a tempestade que vem pra chacoalhar,
A voz que ecoa forte, não vou mais me calar.
Sou cada lágrima de dor,
Cada sonho que se foi,
Mas agora sou coragem,
Sou fogo que destrói.

Levanto minha bandeira,
A luta pela paz,
Não aceito mais o silêncio,
Não me calo jamais.
Sou mulher destemida,
Não preciso de permissão,
Minhas mãos são armas
E meu coração é razão.

Bate no peito e grita,
É hora de se levantar!
Cada passo dado firme
É um grito por mudar.
Diz pra quem quiser ouvir:
“Eu sou a transformação!”
Não sou objeto de adorno,
Sou força e paixão.

Ana Paula Xavier dos Passos



Ancestralidade

Eu sempre achei tão bonita
a palavra ancestralidade
me ensina a realidade,
mesmo que de tempos remotos,
dos que, antes de mim, viveram
deixando para nós um legado,
porque o tempo não tem freio.

Não quero ser saudosista
nostalgia me dá medo;
prefiro pensar na sabedoria,
resistência deixada com tanto apreço.

Algumas pessoas a confundem
com a inteligência acadêmica,
mas, particularmente, eu conheci
gente sábia, que escola não frequenta.

Ligada a uma frequência de vibração,
como um elo entre um tempo e outro,
a história vai se desenvolvendo
um dia após o outro.

Hoje você é o filho
amanhã será o pai
Se tornando ancestral,
Realidade que a todos se faz.

Mas que história é essa?

Mas que história é essa de militarização escolar?
É assim que eles acham que a educação vai melhorar!?
Escutar o estudante ninguém quer,
A comunidade presente, ninguém bota fé!
O professor, tratam como coitado,
além de baixo salário, é sempre desvalorizado.

Ledo engano dos sonhadores de que os oprimidos,
receberão boa educação de seus opressores.
Ah, velho Freire... desistir não é uma opção!
é preciso, diariamente, militar pela educação.

A ausência do Estado procura respostas no fim da democracia,
é falar pra sociedade tudo o que se queria,
solução fácil e rápida, confia!

Escola é lugar de aprendizagem e aprender envolve
liberdade, diversidade, equidade, harmonia,
essa, sim, é a escola que eu queria.

Eu gostaria que eles compreendessem que disciplina e ordem
são consequências de quem descobriu verdadeiramente o \\
significado de democracia,
pois é na escola pública que tudo isso se cria.

Eu nunca fui muito boa em exatas,
mas sei que educação, harmonia,
são inversamente proporcionais à militarização, autocracia.

Quem tá no chão da escola diariamente
merecia no mínimo um dia,
ter a valorização do momento da escuta,
pois, em tempo de influencers, coaches, IA,
todos esses tiveram um professor para os formar.

A muleta para militarizar é a falta de segurança,
mas é só na escola que ela está?
Tem também a defesa de auxílio ao professor
trazendo benefício social se o aluno disciplinar,
vocês não acham que se intencionassem mesmo ajudar
o discurso seria outro, longe do saudosismo da educação \

militar?
De tempos tão sombrios que é melhor nem cogitar!

É por essas que eu prefiro ensinar aos estudantes a seguinte \
frase:

“poetizar para não militarizar!”

Enquanto eles endurecem, eu sigo fazendo poesia.

Cansaço

Às vezes quero descansar,
ficar de boa,
em casa ou em outro lugar,
mas, ao invés de usufruir
dessa sensação benéfica,
vem à mente destruir,
Tá parada?!
não fazendo nada?
Xii, que preguiça danada!
Aí eu penso,
que errada é essa vida,
que segue a levada capitalista,
onde o ócio é pecado de morte,
ler, ouvir música é esporte,
aliás, esporte que pobre não alcança
porque o costume, desde criança
é que para ter esperança
dignidade e confiança num futuro
só trabalhando sem parar,
nada de descansar,
já parou um momento para pensar
que, mesmo aos finais de semana,
você se apressa em concluir tarefas,
coisas simples: agilidade, é o que interessa.
Qual o real objetivo disso?

Dá uma revolta!
saber que a exploração continua,
mesmo depois do fim do expediente,
esse sistema corrói tudo,
até nossa mente,
faz até o mais inteligente
achar que nunca será suficiente
pra seus sonhos realizar,
perdoa a minha reflexão,
estava aqui procurando
ainda mais razão
pra não deixar de lutar
endossar a luta contra a escala 6x1
porque privilégios
nossa classe não tem nenhum,
e, certamente, quem chegou até aqui
e se identificou, é trabalhador!
Se permita questionar
por que só a alguns é permitido
usufruir das riquezas
que a vida pode proporcionar.
Se é o trabalhar
que as riquezas produz
é inerente o seu direito
delas se utilizar.
Escala 6x1 tem que acabar!
Oh, patrão:
deixa o povo descansar.

A black and white photograph showing a close-up of a person's feet wearing traditional sandals. The sandals have thick, dark soles and are secured with light-colored laces. A dark silhouette of a person's profile is overlaid on the image, appearing to be part of the scene or a graphic element. The background is a light, textured surface. A black horizontal bar is positioned at the top of the image, containing the author's name in white text.

Andréa Silvana dos Santos

Inspiração *(à professora Nágila)*

Pensei em escrever um poema.
Não que me faltasse tema,
Mas quando o que antecede a escrita
Já tem forma plena,
A expressão mais poética
Pode parecer pequena
Para um satélite natural
Que gira entre nós
Brilhantemente,
Sabidamente,
Delicadamente,
Como uma explosão
de dedicação,
que antagoniza
com sua doçura e leveza,
De tamanha profundidade
fazendo com que este momento
não seja apenas de uma premiação,
mas também de declarar
o quanto você é inspiração.

Minha fé *(ao meu amor, Lucila)*

Eu, buscando encontrar meu axé
Fui na casa de fé
Ao chegar, vi um monte de branco por lá
Pensei: que bom, tudo irmão
Até que o branco pôs a mão
Intriguei. Pensei: né comigo, não.
Fez de novo, chamou atenção
E eu, comigo: não pode ser, não
Mas a terceira vez, na crença, é confirmação
Pisei no chão
Suei, chorei, gritei
Escutei o maior sermão:
“Isso não existe, não”
Lembrei logo de Jorge Aragão
Eu tenho a cor da noite
Sou filho de todo açoite
E eu me sentindo desamparada, então
Até saber que outra preta viria
Aquela tinha sabedoria
E, mesmo sem eu conseguir escutar,
Ela respeitou, ela ensinou
Este chão pertence a você de verdade
Porque os fundamentos vieram da sua ancestralidade
Não aceite correntes
Eu não sofri em vão

Mas para que você, hoje
não precisasse saber
o que é escravidão
Eu tive a bênção, a bênção mó
Eu tive a bênção, a bênção da vovó
Segue com seu axé
porque você é filha de fé.

Professor

A rotina, o acordar, um gole de café
Ou qualquer gole que me acorde e me faça estar de pé
Uma oração, uma reza, um pedido...
E não é um qualquer
Mas um que me faça seguir em fé
Abro a porta lentamente
Sigo em frente
É mais um dia, um dia a menos
Um dia
Que nunca será igual ao outro
Que nunca exigirá de mim tão pouco
Tampouco é o que eu desejo doar
E não é nem que eu seja da caridade
É só a mais pura realidade
Vivendo o tempo do sem alento
Não é mais só o meu conhecimento
Este não é um só, resumido a um apenas
Mas o de ensinar, muitas vezes a duras penas
É parte também do que eu sou por dentro
E, se eu não me atento,
Não fico só no balançar

Eu caio
em desesperança
que só não me arrebatava
porque carrego a confiança
de que eu sou um fio
e, olhando para os lados,
tantos outros fios, somando,
e somados
formam o que somos
o que não se define em placas e selos
Mas selados, em um compromisso quase divinal
de ensinar, de ser leal
e de ainda precisar lutar
neste mundo tão desigual
e que as lutas, não sejam nunca
entre nós, mas por nós
contra os que nos deixam sós
buscam estrangular nossa voz
Dispensam o título de herói
que vem adoçar o meu guerrear
Almejo unicamente
o reconhecimento pelo que sou
Em caixa alta é que digo: eu sou o **PROFESSOR**

Consciência/ Pessoa com deficiência

Eu era só uma criança
E escutava as coisas de um jeito
Que era para me dar mais segurança
Carinhosamente, a fala era daquele jeito
O pezinho dela nasceu com defeito
E aquele era um jeito normal
Mas eu não
E isso, por vezes, me deixava baixo astral
Já parei de estudar
Usar chinelo? Nem pensar!
O medo de apelidos a me rondar,
E a vida a passar
Enfim, diagnóstico.
Um propósito: a dor vai melhorar
Só não poderia pensar em ser atleta
E não era nenhuma previsão de profeta
Era uma troca para aquele momento
E eu teria perda de movimento
Ah, mas tão jovem e sorridente
E fui conhecendo a cultura excludente
Esta fila não te pertence
Quem vê riso, não vê dores
Fura-fila eu? De repente?

De repente, também eu aqui
Achilles
Meu fazer: a inclusão
Podendo, também, me reconhecer
A mobilidade é reduzida
Mas eu não poderia ser resumida
Fui percebendo todo movimento
Em que eu também recebo acolhimento
Fora do olhar da exclusão
Uma tomada de decisão.
Isso aqui não é apenas um cordão
É pedaço de quem sou eu
Eu, Andréa Silvana
Buscando eliminar barreiras
Inclusive, valorizar a minha potência
Sou eu, hoje, consciente
de que sou uma pessoa com deficiência.

Respeito

A gente sempre fala em respeito à diversidade e quem dela faz parte é gente, gente de verdade como todos os povos que migraram por necessidade e se você tratou ou pensou em tratar com adversidade e \preconceito pode ser por seu desconhecimento de que isso é violação de direito, de acordo com a legislação também da riqueza cultural e de tanta contribuição.

Sabe aquela piada, nada engraçada?
Ela não merece pódio
ela é um crime mascarado para desfilhar puro ódio.

Aliás, o ódio, a carne negra conhece bem este sentimento cantada como a carne mais barata do mercado ficou marcada na voz de Elza Soares com este recado que denuncia o racismo estrutural escondedor de verdades sobre a cultura africana pelo mundo.

E você não deixe de elevar este patrimônio cultural, porque a gente só perde quando o preto: \
“MÃOS PRO ALTO, VAGABUNDO”
Só mais um segundo,
entenda a metáfora,
não confunda com discursos sensacionalistas e, na reprise da recitada, fogo nos racistas!

Sim, tem todo tipo de violência
como as cometidas contra as mulheres
que não lhe devem obediência
Liberte-se de sua impertinência,
qualquer um de nós aqui
precisou de uma mulher para existir
já seria o suficiente para respeitá-las sem discutir
mas as mulheres ainda precisam resistir
provar sua inteligência e potência
e, contra a misoginia eu assino
um salve ao empoderamento feminino!

Abaixo a padronização e todo tipo de pressão
que causa dor e frustração
Não seja parte desta competição
em que só ganha quem enche o bolso de cifrão
seja um ser pensante contra a massificação
valorize sua beleza e as diversas
aos padrões de beleza, diga não!

Por falar em diversos,
gênero e diversidade
digo, versos
mas como versar sobre algo que transformaram em tão cruel?

O seu preconceito é bala e não é perdida
a população LGBTQIAPN+ é a mira atendida
para merecer o fim sem direito ao céu
até quando será necessária resistência
para sermos existência
com o que é de nossa essência?

A gente só quer mesmo é viver a vida, o amor
ocupar todo lugar desejado de boa
sem que nos olhem como alguém que destoa

E você?

Segura essa bala aí

Sim! Você também decide

se será o disparador de gatilhos

ou se um humano respeitador em você reside

Poderíamos estar falando de qualquer outra temática
mas infelizmente o bullying ainda é a grande problemática
que agride e oprime
e, só para lembrar, é crime.

Mas com tantas apresentações comprometidas e potentes
é fato que sairemos daqui mais conscientes


Não seremos mais

a voz que fere, mas que acolhe

a mão que empurra, mas que colhe

o pé que chuta, mas que ao mal reluta

Porque somos construtores
de uma sociedade mais justa.



Arthur Mendes Costa

Consumismo

O consumismo exagerado
É algo mais comum do que o imaginado,
Mesmo isso sendo errado,
E que poderia ser deixado de lado.
Em busca da aceitação,
Nós seguimos o padrão social
Para não sermos considerados “anormal”.

A mídia manipula o público infantil
Apenas para consumir mais de seu produto fabril,
E isso é algo doentio.
Os jovens de hoje não aproveitam mais a infância,
Agora só querem crescer para não serem mais
chamados de criança.

E ainda existe a crença do “ter”, de nunca estar bom o bastante.
Aumenta a compra e o consumo de forma constante.
Aumenta o desgaste ambiental
Com produtos que nem irão ser valorizados no final.
Por isso, o consumismo exagerado
Deve ser acabado, e o padrão social exterminado.

Geografia


Os de cima chamam de favela
Os de baixo, de periferia
Histórias criadas em cada viela
E o preto que escutava que não conseguiria.

Todo periférico tem seu corre
Um corre que é um porre, que ocorre e percorre pela \
estrada da luta diária.
Ficou para trás? Ninguém socorre, então sei lá, só morre.

É assim que os de cima nos tratam: não se importam, nos \
veem como se fôssemos uma porta.
E quando uma pessoa é morta
Vira só mais um número para a estatística.

Estatística essa que é usada em época de eleição,
Para dizerem que devemos diminuir a violência da nossa \
civilização.
Como se não fossem culpados e fizessem tudo bem-feito
Sendo que o mínimo era deixar o povo satisfeito.

E que na próxima vez que forem usar a porra da tabela \
de fome,
lembrem que aquele preto periférico também tinha nome.

A black and white photograph showing a close-up of a person's feet wearing traditional sandals. The sandals have thick, dark soles and are secured with light-colored laces. A dark silhouette of a person's profile is overlaid on the image, positioned as if looking towards the sandals. The background is a light, textured surface. A black horizontal bar is located at the top of the image, containing the author's name in white text.

Isabelly de Oliveira Brito

O primeiro amor da minha vida

O primeiro amor da minha vida
Foi alguém horrível que se fazia de boazinha,
Sim, é isso que eu sinto hoje em dia.

Me lembro do começo, mas fiz questão de me esquecer \
do meio.

Me lembro do final,
que praticamente não teve um ponto final.

Me lembro de suas promessas,
que só foram palavras mal contadas.

Me lembro das risadas
que me alegravam em dias sem graça

Me lembro das conversas
que hoje olho e dou risada.

Como eu pude ser tão apaixonada?

Me lembro do seu olhar para mim
que dizia que me amava,
mas, na verdade, os olhos também mentem.

Me lembro do abraço,

Que era paz,
mas agora não quero deixar nenhum rastro.

Para mim, você era o amor da minha vida.
Mas, graças a Deus, não foi o amor pra minha vida.
Te mostrei o quanto posso dar amor para alguém
Mas me iludi.
Afinal, como uma pessoa que não se amava poderia amar
alguém?
Para mim, você era paz e conforto
Mas agora você é caos e desconforto.

O que eu vejo em você?
Uma pessoa carente e insegura.
Diz que não tem medo de ficar sozinha
Mas todo mês tem uma pessoa diferente que você chama \\
de namorada ou amiga.

Fiz questão de fingir até conseguir
Te enterrar e não chorar mais ao seu falar.
Agora você não significa nada.
E todas as minhas dúvidas continuam guardadas.
Poderia dizer mais coisas,
mas não vale a pena.
Igual à sua chegada,
Que, afinal, fiz questão de deixar apagada.

Minha confusão

Bem-vindos à minha confusão
Onde, na minha cabeça, rola uma rinação
Vou tentar desenrolar esse poema
Mas, sinceramente, é difícil explicar aquilo que se pensa.

Eu sou uma pessoa feliz, contagiante, com muito amor, \
gentil, bonita, amiga, boa, perfeita, talentosa...
Isso são palavras que ouço de pessoas lá fora
que muitas vezes não me conhecem, mas insistem em falar \
naquilo que veem por fora.

Não estou dizendo que não sou tudo isso
Mas alguns dizem que minha vida é perfeita e se esquecem \
de que, muitas vezes, é uma máscara para apagar tudo \
aquilo
que não consigo falar, mas penso todos os dias \
compulsivamente
na busca de tentar me libertar.

Bem-vindos ao meu paraíso
que chamo de pensamentos e sentimentos
que me guiam por qualquer lugar que piso ou pelas coisas \
que conquisto

Sentimentos são uma confusão
Uma hora estou bem e, outra hora, estou fervendo igual \
vulcão

Uma hora eu te amo e outra hora eu não quero te olhar, não.
Uma hora eu desejo e outra hora eu sinto repulsa por \
aquilo que fiz na hora e não quis dizer, não.
Uma hora eu me amo
E, outra hora, eu olho no espelho e não gosto de nada do \
que vejo.
Uma hora estou rindo,
E outra hora estou chorando
Uma hora eu sou boa,
e outra hora eu sou ruim.
Uma hora eu sou perdoadora,
e outra hora sou orgulhosa.
Uma hora sou carinhosa, feito uma criança carente
e outra hora sou uma adulta arrogante que odeia pessoas \
carentes.

Pensamentos

O maior medo que guardo por dentro

Perguntas como:

“Eu sou o suficiente?”

E respostas como:

“Sim, eu sou boa o suficiente.”

Não estou me esforçando.

Mas, na verdade, estou cansada.

Não, eu que não quis fazer nada.

Será que você ainda pensa em mim?

Na verdade:

Eu não tô nem aí.

São tantas perguntas que me faço que, se colocasse tudo, \
não caberia aqui
Vim apenas dizer e lembrar
que não
eu não sou aquilo que deveria ser nem onde gostaria de estar
Não é porque você me vê feliz em postagens
que significa que sou perfeita.
Eu odeio ser perfeita.
Porque quando se é bom demais
As pessoas esperam demais
E quando você as decepciona
Elas te julgam e te detonam
relembrando o quanto você é vacilona.

Para finalizar,
porque eu não quero te cansar:
pensamentos são uma merda,
mas podem ser tão perfeitos como um casal de novela.
Sentimentos são ruins,
mas são aquilo que te fazem se sentir vivo até o fim.
E aqui finalizo,
dizendo que, apesar de tudo isso,
eu sou feliz e continuo com o meu espírito vivo
e disposta a mudar e conquistar o lugar a que quero chegar
Independente de tudo,
estarei sempre em busca de me libertar.

Fogo nos racistas

Racismo é algo perverso

Que muitas vezes vem de um branco ou de um preto que \
não se aceita

São aqueles tipos de pessoas que acham que você é um merda \
só por você ter a cor preta

Eu já cansei de ver polícia batendo e matando preto

Só pelo seu jeito.

Não entendem que nem sempre a roupa ou a cor descrevem \
aquilo que você é por dentro

Aí acontece isso:

POWW

Na cara de quem você dizia que era ladrão e traficante

Mas aí você conversa com a família e descobre que era apenas \
um estudante.

Hoje em dia você vê racismo em todo lugar, de várias formas

As pessoas não entendem que nós, pretos, viemos de \
uma linhagem que, desde o começo, aquele branco \
não suporta

Escravizando ou chicoteando

Xingando e se aproveitando.

Eu tenho ódio sim de quem é racista
Para mim, isso não vai ser resolvido com a paz
Porque, se quisessem paz, não seriam racistas
Isso só vai ser resolvido com a autoridade pegando pesado \\
com quem é racista
Mas como isso vai acontecer se, às vezes, o racista é a polícia?

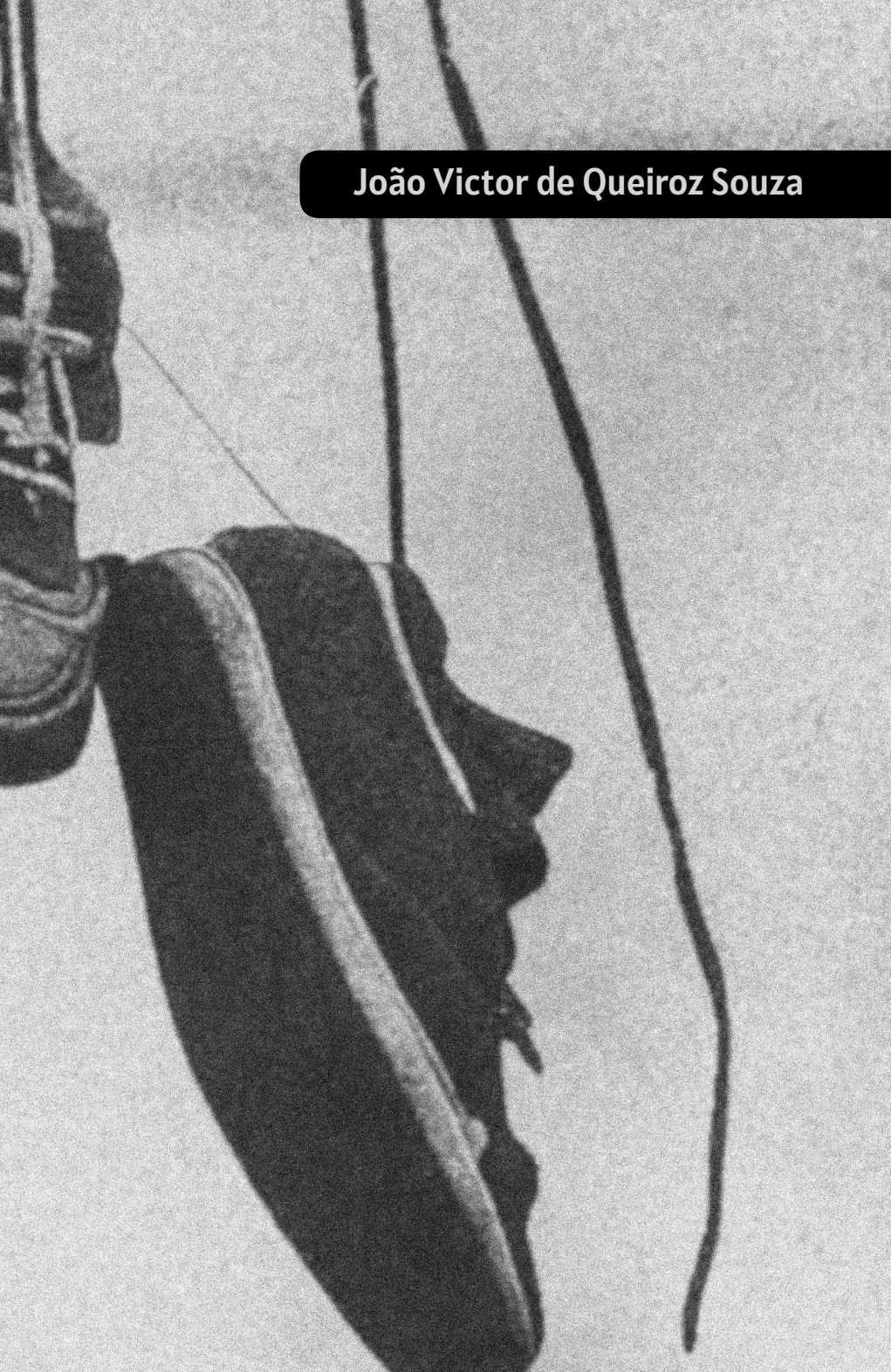
Lutaremos até o fim para termos justiça
Pois não é só a polícia que castiga

Nós somos a nova geração
E a pergunta é:
Você é a geração racista ou a que luta contra os racistas?

Pense bem quem você está se tornando
Respeito não é sobre gostar
Mas sim se colocar no seu lugar

Sabendo que, independentemente do lugar,
Respeito e caráter vêm em primeiro
Para que você se torne uma pessoa que dá e é de respeito
E, por isso, hoje digo, como preto:
TACA FOGO NOS RACISTAS!

João Victor de Queiroz Souza



Terça-feira

Como eu lembro daquela terça-feira; alguns acham que é \
bobeira
mas lembro quando voltamos, eu e os moleques da praça, \
quando perderam um calçado e
o mundo até parecia que estava calmo.

Calmo?

Até eu presenciar minha irmã tendo espasmos porque a \
gente vai se mudar para o outro “espaço”,
espaço onde ninguém respeitava nosso lado, nossa história,
e ainda vinham alguns dizendo: “aqui não tem lugar para \
bicho do mato”,
Ah, se o mundo fosse calmo eu não teria virado refugiado.

Sorrir

O que é sorrir?

É um sentimento?

Uma ação?

Nunca fui bem em fotos,

Nunca fui bem sorrindo.

Falavam que eu estava dormindo,

Talvez eu esteja sem domínio,

de espírito, de vida,

Talvez eu esteja perdido em um labirinto de espelhos, \

me perguntando:

“Por que todos estão tristes?”

Por que estão tão sérios?

Talvez um sorriso seja só uma ação,
sem emoção.

Desabafo

Diários são os dias em que me pergunto:
O que seria sem você?
Sem nossas conversas,
Sem nossas linhas,
Sem nossas vias de se expressar,
Lembro quando te achei; um pouco inusitado te encontrar \
dentro de um armário,
Um pouco, talvez, empoeirado,
Mas o engraçado foi você limpando minha mente,
Como se tudo fosse só um passeio diário,
Lembra quando te disse que queria ir ao parque aquático?
Pois é: foi o que você experimentou enquanto eu chorava \
em suas folhas, querido diário.

Sombras frias da noite

Nas sombras frias da noite sem lua,
O vento sussurra segredos antigos,
Um arrepio percorre a espinha nua,
Enquanto o tempo se desfaz em fios.

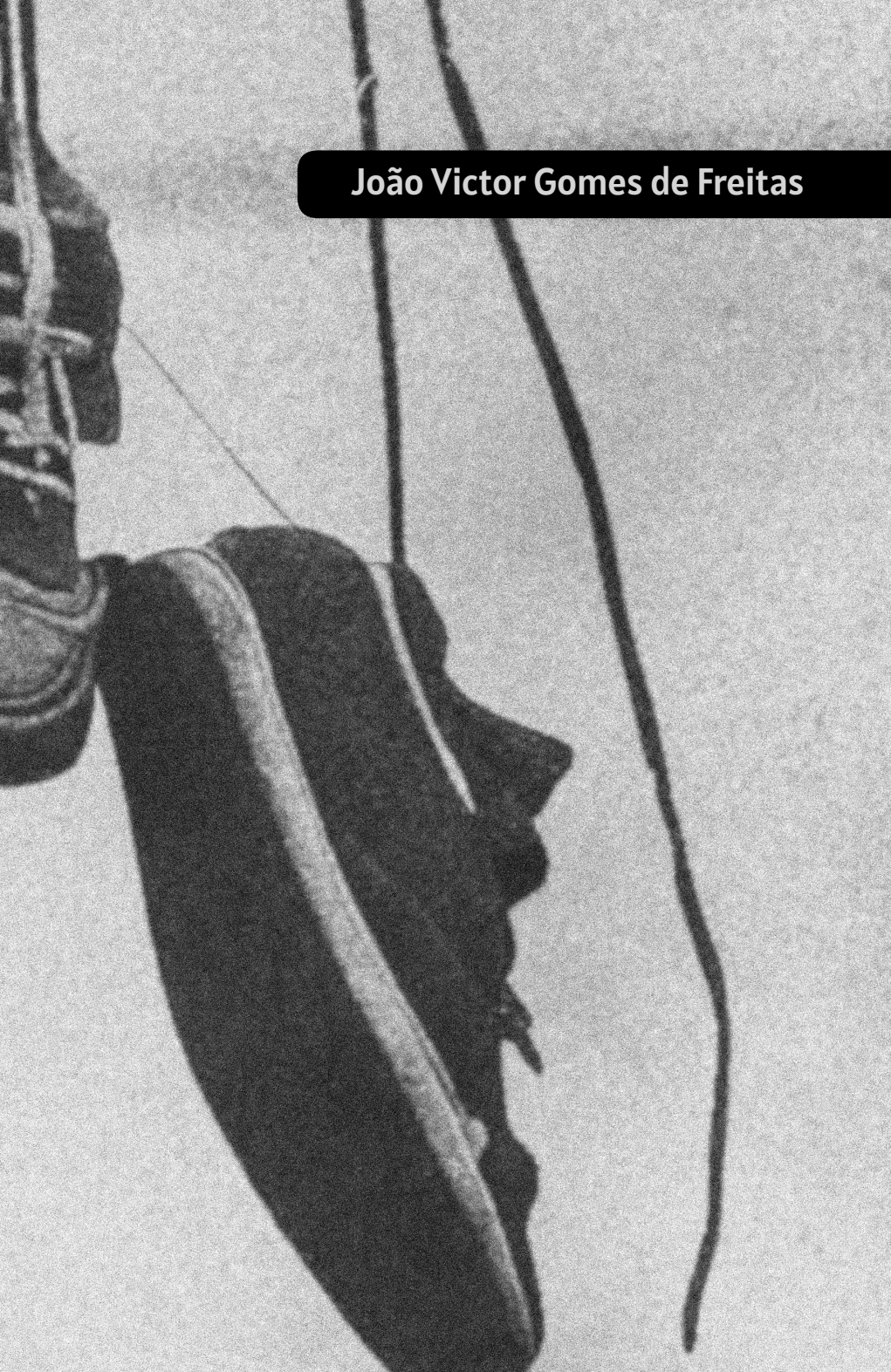
Os olhos buscam na escuridão profunda,
Onde sombras dançam em silêncio cruel,
Um presságio de medo, que se propaga e inunda,
Ecoando mistérios de um passado cruel.

Passos ecoam, cadenciados e lentos,
No coração da floresta, onde o medo se esconde,
Um arrepio cortante, como garras no vento,
Sob o véu do desconhecido, onde o terror responde.

A lua, testemunha muda do desconcerto,
Ilumina figuras pálidas, sem rosto nem nome,
Ecos do além, que atravessam o deserto,
Arrepiando a alma, em cada sombra que se some.

Assim, o mistério se tece na teia da noite,
Onde o arrepio é o fio que conecta o visível ao oculto,
Um poema de suspense, onde o temor se acoite,
E a pele eriça-se ante o desconhecido tumulto.

João Victor Gomes de Freitas



Doces Promessas

No brilho da tela, a infância se esvai,
num clique colorido que tudo atrai.
A fábrica sorri, com dentes de aço,
pintando desejos num laço.

O açúcar escorre em embalagens mil,
vendido em sorrisos, um mundo sutil.
Não é só um doce, é identidade,
embalada no rótulo da felicidade.

Pequenos alvos, tão fáceis de mirar,
mas quem compra é o adulto a hesitar.
Com olhos de culpa e pressa na mão,
cede ao pedido, esquece o não.

O pai já não manda, a mãe já não guia,
a mídia comanda, molda o que cria.
Bonecas com curvas, meninos em guerra,
aprendem que o corpo é moeda na terra.

Seja igual, se quiser ser amado,
grita o padrão, bonito e forjado.
Mas padrões existem? Quem pode dizer
se o que somos basta para pertencer.

Enquanto a TV dita o que é ser alguém,
famílias se perdem no que não convém.
Mudam-se os sonhos, apagam-se os eus
e os porquês da vida viram meus e seus.

Vulneráveis olhos na tela grudados,
em casas sem teto, corações calados.
Promessas vazias em vozes de ouro,
esquecem da fome, da sede, do choro.

É hora de frear o passo corrido,
regular o discurso, o apelo vendido.
Ouvir o não como um ato de amor,
resgatar a infância com mais valor.

Que a infância não seja só um alvo a alcançar,
mas um tempo sagrado, pra brincar e sonhar.
Que pais possam ser, de novo, farol,
em vez de espelhos do último comercial.

Amor de vitrine

Na esquina da vida,
os olhares se vendem a preço de like,
os abraços têm prazo de validade,
e o silêncio é mais sincero que as palavras.
Hoje em dia é fácil falar de amor,
porque, afinal, ninguém mais ama;
“eu te amo” virou desculpa
por necessidades que morrem na cama.
Os corações batem,
mas não se encontram,
as promessas são digitadas
e deletadas antes do amanhecer.
No fundo, não é medo de sentir,
é preguiça de permanecer.
E o amor, aquele de verdade,
fica encostado no canto,
esquecido como um velho livro
que ninguém mais quer abrir.

Racismo

Nas sombras da ignorância ele nasce,
um muro invisível que insiste em ficar.
Racismo é ferida que não cicatriza;
é voz que cala quando deveria falar.
Olhares que julgam pela cor da pele,
sem ouvir a alma que quer se mostrar.
Palavras afiadas, feridas abertas,
histórias partidas, difíceis de juntar.
O racismo veste máscaras de costume,
se esconde em piadas, no jeito de olhar.
É silêncio cúmplice que mantém corrente,
é o peso injusto que custa arrancar.
Mas dentro da luta cresce resistência,
um grito coletivo que não vai calar.
Mãos entrelaçadas rompendo barreiras,
tecendo esperança em cada lugar.
Ninguém nasce odiando, é o mundo que ensina,
mas também é possível ensinar a amar.
A cor é poesia, é raiz, é beleza,
é força ancestral que vem nos guiar.
Enquanto houver luta, haverá mudança,
o racismo não pode vencer no final.
Que a igualdade floresça em cada esquina,
e a humanidade seja um bem universal.


Despertar do amanhã

No horizonte, nasce o brilho do incerto
um amanhã cheio de sonhos abertos.
Novos caminhos, passos despertos,
e o tempo, silencioso, moldando o certo.
O futuro canta em voz de vento e aço,
fiando luz no pensamento escasso.
Entre máquinas e corações humanos,
misturam-se medos, desejos e planos.
Talvez um dia voemos sem asas,
ou conversemos com estrelas distantes.
Mas o que importa, no fim da estrada,
é manter viva a alma iluminada.
Seremos paz? Seremos guerra?
Ou apenas sementes sobre a terra?
Depende do amor que escolhermos deixar,
depende do quanto quisermos mudar.
O futuro é um livro de páginas em branco,
esperando mãos e ideias francas,
para escrever com fé e emoção
o amanhã que nasce do coração.

Amar é perder um pouco de si

Era tarde, e o vento sussurrava teu nome.
No silêncio da casa, ecoava o que fomos.
Teu riso, lembrança que o tempo consome,
Teu olhar, refúgio em dias sem rumo.
Andei pelas ruas buscando teu rosto;
em cada esquina, um sonho desfeito.
O céu cinzento refletia meu desgosto,
e o peito doía pesado, imperfeito.
Guardei tuas cartas, promessas vãs,
nas gavetas frias do que restou de nós.
São fantasmas que voltam, de mãos dadas,
sussurrando memórias com minha voz.
O amor se foi, leve como a brisa,
mas deixou cicatrizes que não se escondem.
Tua ausência é dor que eterniza,
e a saudade vagueia por onde me encontre.
O tempo passou; nada se encaixa.
Tudo perdeu cor, perdeu sentido.
A vida insiste, mas não me afrouxa.
Vivo prisioneiro do não esquecido.
Já tentei te apagar das madrugadas,
mas teu perfume insiste em ficar.
Nas noites longas e mal acordadas,
ainda ouço teu jeito de me chamar.

O amor, que antes era chama acesa,
hoje é cinza fria levada pelo vento.
E o coração, cansado de tristeza,
aprendeu a viver com seu tormento.
Talvez um dia eu te veja sorrindo,
em outro abraço, em outra estação.
E entenda, enfim, que o destino
também sabe curar o coração.
Mas até lá sigo sem pressa, sem alarde
com tua lembrança a me acompanhar.
Pois, mesmo que o tempo se tarde,
ainda te amo e isso é meu penar.
No fim, amar é isso:
Perder um pouco de si e continuar.



Leonardo Ortis Souto

Mangá

O mangá me chama,
com páginas em preto e branco,
histórias que voam
num mundo tão franco.

Heróis e vilões,
emoção a valer,
cada novo capítulo
me faz renascer.

Tem luta, tem risos,
tem choro também;
cada traço desenhado
me leva além.

No silêncio das páginas,
as palavras brilham,
e os sonhos do autor
comigo se alinham.

Ler mangá é viajar
sem sair do lugar,
um portal de fantasia
que vive no olhar.

Tecnologia

A tecnologia chegou,
mudou a nossa vida,
trouxe coisas novas,
abrindo cada saída.

Com um simples toque,
a tela já responde,
o mundo fica perto,
mesmo quem está longe.

O celular conecta,
faz a gente conversar,
mesmo à distância,
parece estar no lugar.

O computador ensina,
traz jogo e diversão,
ajuda no trabalho,
e dá informação.

A internet é ponte,
liga o mundo inteiro,
faz do impossível,
um sonho verdadeiro.

As máquinas ajudam,
fazem tudo com rapidez,
mas é o ser humano
quem cria de vez.

Na fábrica, no banco,
na escola ou no hospital,
a tecnologia cresce
e faz bem no geral.

Mas é bom lembrar
que tudo tem cuidado,
usar sem exagero
para não ficar isolado.

Com ela aprendemos,
crescemos a cada dia,
se usada com amor,
ela traz alegria.

Assim, vamos seguindo,
com fé e coração,
tecnologia e gente
na mesma direção.

O Pequeno Gnomo

Esta é a história
de um garotinho.
Que, comparado aos seus amigos,
era muito pequenino.

A maioria de seus amigos,
crescia até 1,70,
mas o garotinho
parou de crescer aos seus 1,40.

Seus amigos calçavam
35, 36, 37 e até 38.
Mas 33 era o número,
que calçava o garoto.

Ele já teve muitos apelidos,
e o garoto nem ligava.
Mas o principal era gnomo,
e desse ele gostava.

Só que algo incomodava,
seu pequeno coração,
pois ele não queria
ser para sempre um anão.

Depois de tanta insistência
a mãe do garoto buscou a ciência,
o garoto achava
que o doutor resolveria
e que bastava uma pílula
e ele cresceria.

Mas o doutor concluiu
que seu tamanho era normal.
E o garoto viu
que seu medo não era real.

O garoto aprendeu
a não ouvir as críticas dos outros.
Apresentou-se o garoto:
Leonardo Ortis Souto.

A Escola

Na escola
nós entramos
para aprender
o que precisamos.

Os professores
com sua sabedoria
nos ensinam
com alegria.

Pois no mundo lá fora
buscaremos uma profissão
por isso precisamos
muito dessa educação.

Os alunos que se esforçam
sempre tiram nota alta,
mas os que não estudam
só tiram nota baixa.

No intervalo, por outro lado,
é só alegria,
todo mundo correndo
na maior energia.

Em dia de prova
há uma tensão no ar
e todo mundo fica
com medo de errar.

A diretora da escola cuida
do nosso aprendizado
e é ela quem mantém
tudo controlado.

Essa é a escola
que eu amo de coração,
obrigado a todos,
e uma boa educação!

O mar

Olho para o horizonte,
e vejo o mar,
um grande azul infinito,
que é impossível não amar.

Observo as pessoas,
curtindo com as famílias,
enquanto, juntos,
aproveitam os seus dias.


Sinto a areia nos pés,
macia e calorosa,
as crianças brincam com ela
de uma forma carinhosa.

Os pássaros perambulam,
em voo rasante,
voando pelo céu,
azul e cintilante.

Meio-dia chega,
um calor escaldante,
e, no céu, todos veem,
o sol radiante.

Mas o mais marcante,
é o mar,
e admiro,
suas ondas a dançar.


Eu amo o mar,
e como não amar?
afinal, a água é vida,
e a vida é feita para valorizar.



Lucas Conceição Vidal

O pente tá carregado

O pente tá carregado.
A munição? Poesia.
Ela vai atravessar seu peito
Como um calibre 12.
Mas o estrago não é no corpo
e sim na mente; onde passa, faz estrago
Onde passa, deixa marcas.
Se quiser, tenho uma Sniper
Atiro meus poemas na tua mente através dela.
Não se assuste: no mundo a munição é verdadeira
E ela, sim, causa estragos; não se entregue
No mundo, os pacotes te levam pro mau caminho
Lá também você acha os canas,
os quais não julgam pelo que se fez, e sim pela cor
Cor da sua pele: você pode não ter nada, mas eles não ligam
Julgam sem saber e com base no que pensam.
Por fim, o mundo real não é como uma bela poesia
O mundo real pode realmente te matar.



Luiza Sena da Silva

A minha cultura

Em minhas mãos, eu carrego meu santo
E no meu ori, um orixá
Sei que é fácil para você julgar
Mas não tem um que venha me ajudar.
O meu terreiro é ponto de paz
Mas você, na sua igreja,
me olha como “Satanás”.
A minha luta é uma só.
Falar sobre a Umbanda é sinal de “macumba”
Mas falar sobre cada preconceito cometido contra ela
é sinal de ajuda.
Na igreja é pregado amor e dor
Mas você só aprende
injustiça e rancor.
Setembro tá aí,
Não nega um doce ao seu filho, não
Isso é a proteção de Cosme e Damião.
A minha religião é muito mais do que cultura
É sabedoria para aqueles que um dia
Se frustraram por sua própria etnia
Desenhando, em um quarto escuro, deuses de adoração.
Apontar a minha cor por minha cultura é fácil
Mas denunciar o preconceito religioso, não.
Religião é amor e paz
Mas até que você entenda,
eu sofrerei cada vez mais.

Irônico pensar que vocês vivem em uma sombra.
Chega final de ano, e você tromba os seus parceiros
Com roupinha branca, pulando as sete ondas para desejar \
dinheiro,
Mas se esquece que é Ogum que te protege o ano inteiro,
O Deus que te abençoa é o mesmo que eu agradeço,
Agradeço pelas coisas boas que Ele me traz,
Agradeço pela minha malandragem de enfrentar
alguém como você, que me aponta o dedo
Ele prega amor ao próximo,
e você entende ódio.
Eu sei que Ele tem me abençoado,
Assim como Ele tem te guardado,
Mas não fala do meu santo, não, falô?
E por aqui eu encerro
com somente uma missão:
Encarar essa briga por religião,
e que, na próxima,
você tenha empatia com o próximo
ao falar daquilo que ele acredita.

A luta feminina

Quantos dedos me serão apontados
Até que você perceba?
Mulher não é uma peça.
Eu carrego a dor
de todas aquelas que um dia
sentiram na pele o que é o desespero
ao ver um grupo de homens, de longe, te observando.
Ainda tem quem olhe e diga
“É bobagem essa coisa de luta feminista”.
Eu luto por **Marielle Franco!**
que morreu vítima do que
você acha que foi bobagem da minha parte.
O meu suor é como sangue
o sangue dado por elas
que não conseguiram se defender
ao ver um covarde te bater
Por elas, que são chamadas de “prostituta”,
por aquele que saiu de uma e te aponta o dedo na rua.
Eu carrego a dor de quem um dia me representou.
A dor de quem um dia respirou fundo
e enfrentou o seu abusador
Quantos casos serão precisos?
Para que sejam dados ouvidos
à voz daquelas que sofrem em silêncio
e limpam o seu próprio sangue com um lenço
tremendo em um quarto escuro

pensando: “como, mais uma vez, eu vou sair sem ser chamada \ de puta?”

Eu luto por cada uma que sentiu na pele
a desigualdade da sociedade
ao ser rebaixada por um covarde.

Covarde é aquele que você passa pano,
E, no meio dos parceiros, vive exaltando.

Eu vou lutar por minha
igualdade na sociedade
até que as minhas forças acabem,
e não vou deixar que nenhum covarde
me aponte o dedo na rua,
alegando que a minha saia “tá muito curta”.

Força

Um dia me calaram
E, ao cobrirem minha boca, me disseram
“É só a minha mão”.
Eu tenho a força de uma onça
o grito de uma leoa
para não me calar
diante do mar
mar de julgamentos
que me apontam o dedo
me deixando com medo
e me trazendo desprezo.
Desprezo por ser guerreira
por enfrentar aquilo com que você me rebaixa
por não aceitar as coisas dessa maneira.
Sou mulher forte
Que não abaixa o short
se, ao passar na rua, um me “engole”,
Minha roupa não define o meu caráter
Minha linguagem não define minha face
Sou mulher periférica
que sente na pele a opressão
diante de cada situação
me fazendo querer desistir
mas, acima de tudo, lutar pela igualdade.
Essa é a minha parte

Ser forte diante de todos aqueles
que me apontam o dedo,
mas não me oferecem a mão
se eu estou no chão.
Todos os que me diminuem,
mas não me abraçam
se me passam a mão.
A luta diante disso será eterna,
mas a luta feminina será maior ainda.
Essa é a minha dádiva.
Me orgulho de ser assim
e bater de frente
com cada oponente
que diminui a minha força,
mas se perde ao me enfrentar.
O meu argumento é a minha arma
E a minha guerra é a cada palavra.
Eu irei lutar
Até as minhas forças cessarem
e me ajoelhar, quando tudo acabar.
Eu carrego no peito
a coragem de enfrentar.
E para todas as mulheres,
o meu abraço
e, aos covardes, o meu dedo do meio.

Nicolly Moreira do Nascimento



Palavras que ferem

No canto da sala, um olhar se esconde
Na mochila pesada, um mundo responde
Risos cortantes, vozes sem freio
Ferem mais fundo do que qualquer golpe alheio.

Pode haver muitas verdades
por trás de um “estou brincando”
e muitas emoções por trás de um
“Não me importo”.

Mas por trás de um “estou bem”
um grito calado
Por trás de um sorriso,
um choro guardado.

Os nomes que zombam
não são só brincadeiras.
São palavras que machucam.
Você acha que não machucam
porque não vê sangue.

Palavras não sangram,
Mas sabem doer,
machucam por dentro
sem ninguém ver.

Um riso forçado, um apelido cruel

“Feia”, “ninguém te quer”.

São gritos mudos de quem
não tem fé.

Quando seu apelido constrange
ou ofende alguém,
não é brincadeira, é desrespeito
e quem escuta pode
desabar por dentro...

Faz da tua boca ponte, não muro.

Faz do teu respeito um caminho seguro.

Pois toda palavra tem sua direção:

pode causar uma ferida
ou salvação.

Bullying não é força

Não é ser alguém.

É ferir no outro,
o que falta em você.

A alma se curva, o brilho apaga
e a criança por dentro estraga.
Isso que o bullying faz!
Então pense bem no que vai dizer:
Há mais poder na fala
do que se pode ver.

Será que sou suficiente?

Trago nas mãos um quase inteiro,
Um pouco de tudo, um nada por dentro.
Corro caminhos, chego perto,
Mas o vazio insiste em estar desperto.

Eu tenho medo de não ser o suficiente,
Aí nós percebemos que nosso próprio
inimigo é a nossa mente.

E a pergunta vem:
Será que sou suficiente para alguém?
E o maior medo não é ser rejeitado,
É saber,
É descobrir que não basto nem para mim.

Tento ser o melhor e alegrar a todos,
Mas fazendo isso só acabo me machucando.
Medo de me julgarem e me abandonarem.

Isso é insuficiência:
Medo de não ser o
suficiente para alguém
E essa pessoa te abandonar
Sem mais nem menos.

Ninguém nunca fala o quão
é difícil lutar contra
seus próprios pensamentos
de insegurança e
essa fala na sua mente:
Eu não sou boa o suficiente.

Tento ser mais do que sou,
Tento caber no espaço que me pedem,
Mas dentro de mim cresce essa sombra,
o receio de ser trocado
de ser esquecido.
de ser mais um nome apagado
pela pressa do tempo...

Notas escolares

Não veem as noites em claro,
meus cadernos rabiscados,
as lágrimas misturadas ao esforço,
de nunca ser o bastante.

Chamam de “digno”
o que cabe em uma folha,
mas não veem o corpo cansado
nem a mente que não é a mesma.

Sempre transformam sonhos em estatísticas,
corações em relatórios
e crianças em fracassos.

Entendam, não é nossa culpa
tirar uma nota baixa.
A culpa é dos pais que se importam
mais com a nota
do que com a nossa mentalidade.

Quando tiramos uma nota alta, é:
“Não é mais que sua obrigação”.
Mas, quando é uma nota baixa,
esfregam o erro na nossa cara.

Um número,
um simples número
decide meu futuro.
Decide se sou capaz,
se mereço aplausos
ou um silêncio envergonhado.

As notas são muros
grandes e invisíveis
que prendem talentos
e nos reprimem.

Chamam isso de “avaliação”.
Mas quem avalia o sistema?
Quem mede a empatia das escolas?
Quem soma as vezes em que um aluno
não é notado?

Enquanto um boletim decide o meu valor,
meus sonhos ficam do lado de fora.



Nicolly Mota Fernandes

O peso da coroa

Nos contos que a vida guardou,
moram princesas que ninguém escudou.
A voz feminina sempre é calada,
presa na torre, no baile ou deitada.

Rapunzel trancada, cabelos ao vento,
símbolo do medo e do aprisionamento.
Ser mulher é estar sob o olhar
de quem decide quando libertar.

Cinderela sonha em mudar de vida,
mas só a riqueza lhe abre a saída.
O amor é medido por classe e sapato.
Quem é pobre não entra no reino encantado.

Branca de Neve, bela a cantar,
mas precisa de outras para se soltar.
Dependente e obediente, não pode decidir.
O príncipe ou o destino sempre vai decidir.

A Bela Adormecida repousa em silêncio,
seu corpo entregue sem consentimento.
Dormir e esperar é o destino traçado,
a ação pertence ao príncipe ao lado.

Nos contos, a mulher nunca decide,
sua força se apaga, sua voz não coincide.
Sempre submissa, frágil, calada,
vive num molde de uma vida inventada.

O preconceito se esconde no brilho e na dança,
mostra princesas sem força ou esperança.
A beleza é a chave, o destino é prisão,
um espelho que julga sem compaixão.

É tempo de recontar com justiça e clareza,
dar voz às mulheres, mostrar sua grandeza.
Que os contos inspirem, sem aprisionar,
histórias de igualdade que possamos contar.

Pablo Henrique Alves Moreira



Imigrante

Na distância entre nações, o que grita é a dor
O coração aperta, pedindo amor.
Refugiado da terra e do abraço amado,
em cada passo, um vazio, um fardo.

Memórias se juntam, lágrimas deslizam,
no horizonte longe, esperanças ficam.
Mas no amor que nutrimos, a luz persiste
nas palavras sussurradas, a saudade resiste.

A distância não desfaz o laço que nos une
No silêncio da separação, a promessa é feita,
porque, onde quer que esteja, em terra estrangeira,
teu amor é meu refúgio, minha fortaleza.

Entre fronteiras

Entre fronteiras, cruzam sonhos aflitos,
Em terras estranhas, rostos desconhecidos,
Carregam na bagagem saudades e medos,
Buscando em novas terras futuros e segredos.

Deixam para trás memórias, raízes, chão,
Corações pulsando em cada direção,
Nas travessias, histórias se encontram,
migrantes que na coragem se montam.

O mar imenso não intimida a esperança,
Cada onda, uma lágrima; cada porto, uma dança,
Nas ruas de concreto, olhares perdidos,
buscam abrigo, lares esquecidos.

Na mala, cultura, tradições e fé,
Deixam o passado, sem saber como é,
Em cada passo, uma nova cicatriz,
a luta por um lugar que os faça feliz.

Gritam em silêncio, suas vozes ao vento,
Num mundo que ignora, que finge, que é lento,
Mas nas sombras eles brilham, resistem, renascem,
migrantes são estrelas que nunca se apagam.

Manos e minas

Na esquina da vida, onde o racismo é a brisa,
É foda encarar essa parada; não tem quem aguente essa lisa.
Manos e minas, na luta por igualdade,
mas ainda tem idiota espalhando sua maldade.

Branca, parda, negra, seja lá qual for a cor,
merece respeito, amor e mais amor.
Chega de preconceito, de olhares de desdém,
a diversidade é nossa força, nosso bem.

Então abre teu coração, seu babaca sem noção,
e entende que somos todos irmãos nessa função.
Vamos juntos desconstruir essa porra de racismo,
e construir um mundo de paz, sem nenhum egoísmo.

Filhos da liberdade

Somos os filhos da liberdade, nossa voz ecoa pela cidade.
Não nos curvamos diante da opressão,
Somos os libertários, não morremos não.

Nas ruas, nossa bandeira é o ideal,
de lutar por um mundo mais igual.
Não aceitamos correntes, somos livres,
em nossos corações, a chama não se esquiva.

O poder tenta nos calar, nos conter,
Mas somos como o vento, não temos rédeas a temer.
Marchamos com coragem, sem hesitar,
Pois sabemos que a liberdade é nosso altar.

Somos os filhos da liberdade, nossa voz ecoa pela cidade.
Não nos curvamos diante da opressão,
Somos os libertários, não morremos não.

Na escuridão, brilhamos como estrelas,
Nossas convicções são nossas fortalezas.
Mesmo que tentem nos silenciar,
Nossa luta jamais cessará.

Somos os filhos da liberdade, nossa voz ecoa pela cidade.
Não nos curvamos diante da opressão,
Somos os libertários, não morremos não.

Enquanto houver injustiça a combater,
estaremos aqui, prontos para resistir e lutar.
Porque somos os libertários,
e nossa voz jamais se calará.

Revolução Urbana

Na quebrada onde o sol se põe, a noite cai sem aviso
O asfalto é nosso palco, onde o rap é preciso
Vozes ecoam nos becos, gritos de resistência
Somos anjos rebeldes na busca da nossa existência.

Nas ruas sombrias, onde a vida é dura
Verso a verso, nossa voz é a cura
Revolução urbana, batida que acende a chama
Rap é nossa arma e a poesia é nossa dama.

No corre da madrugada, o beat marca o compasso
Letras afiadas cortam o ar como um aço.
Caminhando entre escombros, onde a fé é o guia
Sonhos são murais nas paredes da agonia.

Não somos números, somos vozes que ecoam
Do morro ao asfalto, nossa história entoada
Não há prisão para a mente que voa
Somos guerreiros na batalha que não se escoa.

Nas ruas sombrias, onde a vida é dura
Verso a verso, nossa voz é a cura
Revolução urbana, batida que acende a chama
Rap é nossa arma e a poesia é nossa dama.

De quebrada em quebrada, o rap se multiplica
Resistência nas rimas, cada verso é uma réplica
Contra o sistema que nos sufoca, corações que pulsam.
Liberdade é o verso, a batida que nos impulsiona.

Na cidade que não dorme, onde a noite é eterna
Nós somos os poetas nas ruas de pedra
Cantando nossa verdade, sem medo da tormenta
Rap é nossa voz na Revolução Urbana.



Raphaella Alves Gracio

Democracia

A democracia é mentira
dizem que fazem pela periferia
mas eu só vejo a burguesia
lucrando, luxando e falando,
“Qual favela vamos derrotar hoje?”

Lutamos pelos nossos direitos
mas o governo não tem jeito
só querem nos ver no fundo
enquanto eles estão no comando
querendo uma sociedade igualitária,
sendo que somos pretos, negros,
brancos e pardos
somos quem somos!

O sistema é uma droga
uma droga que mata, destrói e rouba
a sociedade pede socorro
para quem já está morto.

Na periferia é assim
quem não consegue sobreviver,
está no fundo do poço
sendo só mais um número para o sistema
um sistema capitalista
um sistema de brancos!

Crime

Aos 14, entrei para o mundo do crime
na ilusão de que tudo
seria mágico,
mas me perdi nesse mundão
e tive um final trágico.

Comecei roubando um carro ali, uma moto aqui,
e, de repente, já estava cheirando ao final da noite,
com uns parceiros ali.

Na favela, sempre tive o respeito,
até porque ninguém queria
levar um tiro de fuzil no peito.

Até que, um certo dia, a conta chegou
bem no começo da manhã
o desespero se instalou.

Naquele dia, só se ouvia disparos e gritos,
policiais atirando na gente,
tentando matar os delinquentes.

Na hora, o desespero tomou conta de mim:
Será que era hora do meu fim?
Tentei escapar,
mas me pegaram mesmo assim.

Hoje eu sou só mais um dos que morreram,
até porque o fim é assim mesmo.
Qual é o meu nome? Ninguém sabe!
Sou apenas mais um na estatística da criminalidade.

Ansiedade


Ansiedade, aquela que me perturba toda noite,
me pedindo algo cortante,
tentando tirar a dor de dentro,
no mesmo instante.

Sinto-a chegando,
rasgando o meu peito,
de tanto ódio, rancor e pressão,
na procura de me deixar satisfeito, com esse meu coração,
coração quebrado e estilhaçado,
com os traumas que me perseguem até os dias de hoje,
principalmente naquele dia,
com o papel de divórcio na mão,
com canetas pretas,
tomando uma decisão,
sem o meu consentimento,
que me deixou em uma profunda solidão.

Naquele mesmo dia,
senti o gosto amargo do abandono,
quando implorei pela sua atenção,
e você não estendeu sua mão.

Hoje em dia, me olho no espelho
e vejo aquela mesma criança
implorando por amor.

Então não me venha pedir perdão,
porque hoje eu aprendi a viver com a solidão.
Então muito obrigado,
Pai.

A black and white photograph showing a close-up of a person's feet wearing traditional woven sandals. The sandals are dark with light-colored woven patterns. The person is standing on a light-colored, textured surface. A dark banner at the top of the image contains the name 'Tawany Camilla Terada' in white text.

Tawany Camilla Terada

Em tempos modernos...

Em tempos modernos, a galera se acha,
Num mundo onde a verdade às vezes se relaxa.
Brincadeiras com facções, sem noção ou emoção,
Tornam leve a traição; virou mó padrão.

Mentira rola solta, tipo água de rio,
de boca em boca, chega a ser hilário.
Honestidade? Raridade, quase ninguém vê,
Num cenário onde a ética é fácil esquecer.

Traição, que antes era vacilo sério,
Hoje em dia parece até necessário.
Relações frágeis, laços que quebram,
Construídos em bases que logo desintegram.

Infância perdida, nas telas se escondem,
Brincadeiras simples? Agora nem respondem.
Risos verdadeiros, trocados por curtidas,
Num mundo virtual, cheio de falsidades.

Falsos são aqueles que tu considera irmão,
que num dia estendem a mão, prometem ajuda e proteção,
e no outro te difamam até você não aguentar,
um ciclo vicioso, difícil de quebrar.

Sem esperança de mudança, só resta pensar,
até quando isso tudo vai durar?

Texto nunca enviado

Parece que a gente tá distante,
Horas juntos e um silêncio pesado,
Não é igual antes, quando a gente ria até do vento, nem se \
ligava em quanto tempo tinha passado...
Percebi que você cresceu, e eu também, lado a lado.

Não te conto mais sobre com quem eu troco ideia,
Ou as besteiras da escola, como antes fazia.
Vejo você com problemas que não consigo ajudar,
assim como você me ajudava.

Não quero deixar o clima tenso, só tô falando o que sinto,
Aprendi um monte com você: a ficar quieta e me defender.
Sempre pude contar contigo, você é meu porto seguro,
Você me criou, me ensinou a respeitar e a crescer.

Pode não parecer, mas sigo cada dica sua,
Adorava suas brincadeiras bestas, sempre uma risada.
Virar a noite em chácaras, em festas com você,
Me espelho em você, me inspiro no que é seu.

Momentos inesquecíveis, tipo quando me virou na privada,
Ou quando chorei aos seus pés, como uma criança \
atormentada.
Quero reviver tudo isso, mesmo com as brigas,
Nunca vou te odiar; você é um rei nas minhas historinhas.

Quando falo de você, é como se fosse um herói,
A melhor pessoa do mundo, sempre foda demais.
Não sou de falar essas coisas, mas dessa vez, infelizmente \
ou felizmente, eu vou ter que falar:
Eu te amo, do fundo do coração, você é meu lar, meu lugar.

Dia difícil

Hoje em dia é difícil, né?

Difícil o quê?

Encontrar alguém que preste. Mas esquece, tudo tem seu \
tempo!

Mas se bem que eu queria viver um romance...

Alguém que postasse uma foto comigo com aquela música \
do Seu Jorge:

♪♪ Minha mina é feia mas não tem problema

Porque sua beleza é interior

Eu vivo bem com ela sem nenhum dilema

Eu sei que ela é feia mas eu dou valor ♪♪

Alguém engraçado, que me faça rir, mas sem ser nenhum \
palhaço.

Mas esquece, hoje em dia não tem ninguém que me desce.

Todos no mesmo padrão, tem que ser frio e sem emoção,

não posso ser muito exagerada, senão sou taxada de \
emocionada

mas emocionada eu não sou.

É essa geração de merda que só pensa em prazer passageiro,

te ilude dizendo que ama, mas na verdade só quer te ver \
na cama.

Algumas são fáceis de iludir, geralmente as que gostam de \
se prostituir,
mas esquece, de repente estão com filhos para criar e nem \
um futuro bom para lidar.
Mas o que eu quero?
Eu quero uma pessoa pra comigo somar, um amor sincero \
em quem eu possa acreditar.

Mas isso não seria difícil de achar?

Ah, esquece.
Eu sou sempre o poeta, nunca a poesia.

Agradecimentos

Este livro só existe porque foi tecido a muitas vozes, em tempos compartilhados, em um território que insiste em falar.

Agradecemos, em primeiro lugar, aos (às) **slammers**, estudantes que ocuparam o centro da Arena com coragem, palavra e presença. Cada verso aqui reunido é trilha aberto na linguagem, gesto de enfrentamento e de cuidado, prova viva de que a poesia segue como forma legítima de existir, resistir e sonhar. Vocês são o centro deste livro. Sem suas vozes, ele não teria sentido.

Aos alunos e alunas da EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro, nosso reconhecimento e gratidão. O Slam, vivido no cotidiano da escola, mostrou que a literatura não é privilégio, mas direito; não é ornamento, mas necessidade. Cada escuta, cada silêncio, cada aplauso e cada conflito fizeram deste projeto uma experiência coletiva e transformadora.

Ao **corpo docente**, agradecemos pela parceria, pela escuta e pela confiança. Professores e professoras que compreendem que educar é também abrir espaço para o inesperado, para a palavra indócil e para a potência criadora dos estudantes.

Aos (às) **funcionários (as)**, pelo trabalho que sustenta a vida da escola para além da sala de aula.

Ao corpo diretivo da escola, nosso sincero agradecimento pelo apoio, pela abertura e pela sensibilidade em acolher um projeto que não se limita a resultados imediatos, mas aposta na formação humana, crítica e coletiva.

Por fim, à EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro, no Jardim Imperador, Zona Leste de São Paulo, território de luta, memória e criação. Este livro é também fruto da ESCOLA PÚBLICA que resiste, inventa e segue como espaço de encontro, conflito e possibilidade.

Que estas páginas devolvam, ainda que parcialmente, tudo aquilo que nos foi confiado em forma de voz.

Slammers

Ana Beatriz Fernandes Claudino

Ana Paula Xavier dos Passos

Andréa Silvana dos Santos

Arthur Mendes Costa

Isabelly de Oliveira Brito

João Victor de Queiroz Souza

João Victor Gomes de Freitas

Leonardo Ortis Souto

Lucas Conceição Vidal

Luiza Sena da Silva

Nicolly Moreira do Nascimento

Nicolly Mota Fernandes

Pablo Henrique Alves Moreira

Priscila Emídio Dobke

Raphaella Alves Gracio

Tawany Camilla Terada

Organizadores(as)

Ana Paula Xavier dos Passos

Ana Paula Xavier dos Passos é licenciada em História pela Universidade do Grande ABC (UNIABC), professora de Ensino Fundamental II e Médio pela SME de São Paulo e orientadora de Sala de Leitura. ID Lattes: 4321854736463954. ORCID: 0009-0002-2030-5234. Email: senhoritapassos@hotmail.com.

Leonardo da Silva Claudiano

Leonardo da Silva Claudiano é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),

onde também concluiu o Mestrado e a Graduação. Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria da História, História do Brasil e da América Latina, com ênfase em narrativa, memória, cidade, modernismo e ditaduras. Atua também no campo dos estudos literários, especialmente na investigação da literatura latino-americana em contextos autoritários. É membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC | PUC-SP) e coordena o Grupo de Estudos Literatura e Ditaduras (GELD | PUC-SP). Na rede pública municipal de São Paulo, atua como professor orientador de Sala de Leitura. Dedicar-se à formação docente, à mediação de leitura e ao desenvolvimento de práticas educativas em contextos de desigualdade social, com interesse nas relações entre literatura, memória e Educação Popular. ID Lattes: 0306680959770318. ORCID: 0000-0003-2010-350. E-mail: leonardo.claudiano@gmail.com.

Manuela Simões Lima Santos

Manuela Simões Lima Santos é graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e educadora popular. ID Lattes: 1656728103838299. ORCID: 0009-0009-0316-9489. E-mail: manuela.simoess12@unifesp.br.

Mirtes Gaspar Castro

Mirtes Gaspar Castro é licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Marcos, com especialização em Língua Portuguesa (pós-graduação lato sensu) pela

Universidade São Marcos. É também licenciada em Pedagogia pela Universidade do Grande ABC, com formação em Administração Escolar e Supervisão Escolar pela Universidade de Guarulhos (UnG). Atuou por 14 anos na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e, desde 2005, integra a rede municipal de educação. Possui ainda uma trajetória de três décadas de atuação no SESI (Serviço Social da Indústria). Desenvolve pesquisas nas áreas de literatura brasileira do século XIX e das práticas de ensino da gramática na educação básica, com especial atenção aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio. ID Lattes: 9746104855312948. ORCID: 0009-0004-5538-0124. E-mail: mirtesgcastro@yahoo.com.br

Nágila Euclides da Silva Polido

Nágila Euclides da Silva Polido é Graduada em Letras, mestra e doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com pesquisas focadas na leitura e formação de leitores. Participa do GP “Diversidade Cultural, Linguagem, Mídias e Educação”. Além de atuar na formação de professores, é orientadora de Sala de Leitura da rede municipal de São Paulo, tendo feito parte da equipe coordenadora do Núcleo de Salas e Espaços de Leitura da SME-SP e participado da elaboração da publicação Sala de leitura: vivências, saberes e práticas, documento orientador do programa. ID Lattes: 5050826160339947. ORCID: 0009-0002-0969-307X. E-mail: nagilaesp@gmail.com

Revisão

Valéria Gomes Ignácio da Silva (PUC-SP)

Editoração

Gabriel Araújo.

Editor

Francisco Isaac Dantas de Oliveira.

Comitê editorial da Editora Biblioteca Ocidente e da Casa Editorial Arauooliveira

Antônio Natalino Lisboa (Dr. em História)

Bruno Miranda Braga (Dr. em História)

Joaquim Pinheiro de Araújo (Dr. em Ciências Sociais)

Juliana Bulhões A. Dantas (Dra. em Comunicação)

Leonardo da Silva Claudiano (Dr. em História)

Maria A. Ramos da Silva (Dra. em Ciências Sociais)

Mariza Silva de Araújo (Dra. em Educação)

Sheila Mendes Accioly (Dra. em Ciências Sociais)

Wallas J. de Lima (Dr. em História)

O poema “Súplica do poeta” (quarta capa) é uma construção coletiva dos slammers da EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro.

Posfácio

Nágila Euclides da Silva Polido

Nas ruas sombrias, onde a vida é dura
Verso a verso, nossa voz é a cura

— Pablo Henrique

Quem atua na Educação em nosso país, especialmente aqueles que têm como objeto a leitura literária, têm tido poucos motivos para se animar. Além dos problemas que se arrastam ao longo da história da Educação no Brasil (e que motivaram Darcy Ribeiro a classificá-los como um projeto), a maior pesquisa sobre leitura realizada no país evidencia, em sua última edição, que mais da metade da sua população é de não leitores¹⁷. À primeira vista, portanto, há pouco a se comemorar. No entanto, é preciso estar atento ao que acontece para além dos indicadores. Apesar de muito importantes para delinear onde estão focos de problemas e gargalos da formação de leitores, do estímulo à leitura em geral e da leitura literária em específico, não são apenas os números que ilustram de maneira fidedigna as relações que crianças e jovens estabelecem com a leitura e com as manifestações e

¹⁷ Conforme resultados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil — 6ª edição (2024), a população brasileira acima dos cinco anos está dividida em 47% de leitores e 53% de não leitores.

produções literárias. Há fenômenos e movimentos ocorrendo em escolas, em salas de aula, nas (insuficientes) salas de leitura e bibliotecas escolares, nas ruas, praças e becos que têm se tornado cenário para o protagonismo de jovens leitores, poetas e escritores, num roteiro sob a direção de professores e agitadores culturais que entendem e trabalham pela literatura como um direito humano, como pregava Antonio Candido.

Entre esses movimentos, os slams vêm apresentando uma dimensão e potencial significativos. Se inicialmente o *slam poetry* nasceu como competição de poesia falada, acabou por se tornar um círculo poético em que demandas e questões de uma comunidade são “apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com suas vivências e experiências” (D’Alva, 2014, p. 112). Originário dos EUA, chegou ao Brasil em 2008, por intermédio da atriz, pesquisadora, produtora cultural e poeta Roberta Estrela D’Alva, com a formação do ZAP Slam (Zona Autônoma da Palavra), firmando raízes, sobretudo nas periferias brasileiras, com uma abordagem especialmente política, social e racial. Na cidade de São Paulo, das praças e ruas encontrou um caminho para entrar nas escolas, guiado pelos versos e pela ação dos poetas do coletivo do Slam da Guilhermina¹⁸, Emerson Alcalde, Cristina Assunção, Uilian Chapéu e Rodrigo Motta. Ao perceberem a significativa

¹⁸“O Slam da Guilhermina é um campeonato de poesias faladas — o 2º Poetry Slam do Brasil — evento que reúne mensalmente mais de 300 pessoas em uma praça — arena — a céu aberto na Vila Guilhermina — Zona Leste Paulistana, desde fevereiro de 2012. Organizamos também o Slam de Poesias Interescolar de São Paulo”. Ver Slam da Guilhermina. Disponível em: <https://slamdigital.com.br/slam/slam-da-guilhermina>. Acesso em: 3 nov. 2025.

participação dos jovens nos eventos, entenderam o potencial para a constituição de novos círculos de formação de poetas e estenderam a mobilização poética para as escolas, criando o Slam Interescolar, num movimento que transita “das ruas para as escolas, das escolas para as ruas”, conforme o título da obra publicada pelo grupo, vencedora do Prêmio Jabuti de Fomento à Leitura (2021), em que apresentam as origens e a organização do campeonato realizado anualmente e que tem envolvido um número cada vez maior de escolas das redes pública e particular do estado. De acordo com Neves (2021, p. 9-10):

Embora a ideia de levar os *slams* para as escolas não tenha nascido no Brasil, tampouco seja um projeto pedagógico exclusivo do nosso país, foi aqui que essa aproximação ‘*Slam e Educação*’ ganhou uma nova conotação: a de *letramento literário crítico*. Uma leitura atenta às letras das poesias produzidas pelos estudantes que participam dos Slams Interescolares de São Paulo revela o quanto seus versos ecoam uma cultura jovem, popular, negra e pobre, de moradores da periferia — ‘porque a periferia é pó[bre] / porque a periferia é pó[esia]’. Usam a linguagem poética como arma política para denunciar o racismo, a violência policial, o tráfico de drogas, a cultura do estupro, o machismo, a homofobia etc. Escrevem e performam em voz alta poemas autorais, nos quais *re_agem*, *re_jeitam*, *re_voltam-se*, *re_conhecem-se*, *re_sistem* e *re_existem* (Neves, 2017); é por meio da poesia que se dizem singular e subjetivamente (Rouxel *et al.*,

2013), subvertem e transgridem, criticam governos, falam em revolução (Assunção *et al.*, 2021, p. 9-10, grifos próprios).

Neves ainda aponta que a forma da poesia-slam se afasta do tradicional e se aproxima de uma mensagem mais direta ao público ouvinte, ou seja, uma “poesia do papo reto”, que discursa sobre a vivência desses jovens poetas.

Neste livro, quem protagoniza o “papo reto” são estudantes do ensino fundamental II da EMEF Des. Achilles de Oliveira Ribeiro. São jovens com diferentes trajetórias, abordando diversos assuntos, mas com um ponto em comum: são adolescentes que querem expressar seus sentimentos e reflexões, sejam eles quais forem, por meio da palavra poética.

João Victor de Queiroz Souza evidencia a necessidade dessa expressão por meio da escrita, em seu poema “Desabafo”:

O que seria sem você?
Sem nossas conversas,
Sem nossas linhas,
Sem nossas vias, de se expressar,
Lembro quando te achei, um pouco inusitado \
te encontrar dentro de um armário,
Um pouco, talvez, empoeirado,
Mas o engraçado foi você limpando minha mente,
Como se tudo fosse só um passeio diário,
Lembra quando te disse que queria ir ao parque \
aquático?

Pois é: foi o que você experimentou enquanto \\
eu chorava em suas folhas, querido diário.

Há espaço para vários assuntos nos poemas deste livro: a luta pelos direitos das mulheres, incluindo a revisitação aos contos de fadas e princesas, a xenofobia e a migração. A crítica ao consumismo, ao preconceito religioso e ao racismo está também retratada em muitos dos textos.

Nos contos que a vida guardou,
moram princesas que ninguém escutou.
A voz feminina sempre é calada,
presa na torre, no baile ou deitada.
(Nicolly Mota Fernandes)

Não aceitamos mais o
silêncio e a dor,
nosso grito ecoa, é um grito
de amor.
Por todas as mulheres
que já foram silenciadas.
(Ana Beatriz Fernandes Claudino)

E ainda existe a crença do ‘ter’, de nunca estar bom \\
o bastante.
Aumenta a compra e o consumo de forma constante.
Aumenta o desgaste ambiental
Com produtos que nem irão ser valorizados no final.
(Arthur Mendes Costa)

A minha religião é muito mais que cultura
É sabedoria por aqueles que um dia
Se frustraram por sua própria etnia
Desenhando, em um quarto escuro, deuses de \

adoração.
Apontar a minha cor por minha cultura é fácil
Mas denunciar o preconceito religioso não,
[...]
(Luiza Sena da Silva)

A democracia é mentira
dizem que fazem pela periferia
mas eu só vejo a burguesia
lucrando, luxando e falando,
'Qual favela vamos derrotar hoje?'
(Raphaella Alves Gracio)

Não é apenas a crítica social e os discursos contra os preconceitos que estão presentes. As questões sentimentais e do cotidiano, a saudade e o lirismo amoroso também são muito bem apresentados.

Ninguém nunca fala o quão
é difícil lutar contra
seus próprios pensamentos
de insegurança e
essa fala na sua mente:
Eu não sou boa o suficiente.
(Nicolly Moreira do Nascimento)

Mas o que eu quero?
Eu quero uma pessoa pra comigo somar, um amor \
sincero em quem eu possa acreditar.

Mas isso não seria difícil de achar?

Ah, esquece.
Eu sou sempre o poeta, nunca a poesia.
(Tawany Camilla Terada)

O universo escolar, o *bullying*, as avaliações e as tecnologias são abordadas na perspectiva dos estudantes, que confrontam os sistemas estabelecidos com reflexões profundas.

Chamam isso de “avaliação”.
Mas quem avalia o sistema?
Quem mede a empatia das escolas?
Quem soma as vezes em que um aluno
não é notado?
(Nicolly Moreira do Nascimento)

No canto da sala, um olhar se esconde
Na mochila pesada, um mundo responde
Risos cortantes, vozes sem freio
Ferem mais fundo que qualquer golpe alheio.
(Nicolly Moreira do Nascimento)

As máquinas ajudam,
fazem tudo com rapidez,
mas é o ser humano
quem cria de vez.
(Leonardo Ortis Souto)

Ao finalizar esse posfácio, é necessário reconhecer que esta antologia não se limita ou se encerra nesta publicação: cada poema aqui reunido é um ponto de partida. As vozes dos estudantes ecoam para além das páginas, convidando-nos a ouvir, sentir e repensar o que entendemos por poesia, leitura, escola e literatura. O slam, ao adentrar as escolas, não apenas promove a palavra poética — ele oferece aos jovens o direito de dizer e de ser ouvido. Que este livro inspire outros espaços, outras escolas e outros leitores a perceberem que, quando a poesia encontra a juventude, o verso se faz resistência, pertencimento e cura.

Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcalde de; SANTOS (Chapéu), Uilian da Silva [org.]. *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas*. São Paulo: Literarua, 2021.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip Hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Súplica do poeta

Eu poderia estar roubando,
mas estou aqui poetizando
Jaqueline, meu amor,
manda a verba, por favor
Um poeta é importante,
seria mais um troféu em nossa estante
O cara também come,
solta a verba para homem
Uma motivação para adiante,
um MC pra instigar um novo pensante.
Um poeta para escola seria ótimo,
pra ajudar no amor ao próximo
Jaqueline, meu amor,
abre o bolso, por favor
O slam precisa de atenção,
verba para o poeta e para nossa premiação
você, como representante,
desse estado fatigante
libera a verba para a aprendizagem triunfante.